



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – (UnB)
FACULDADE UnB DE PLANALTINA – (FUP)

MARIA REGINA CARNEIRO DOS SANTOS

**USO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA ESTUDANTES DOS ANOS FINAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM
COLÉGIO ESTADUAL VALE DA ESPERANÇA**

PLANALTINA - DF

2017

MARIA REGINA CARNEIRO DOS SANTOS

**USO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA ESTUDANTES DOS ANOS FINAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM
COLÉGIO ESTADUAL VALE DA ESPERANÇA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Faculdade UnB de Planaltina, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Ciências da Natureza e Matemática.

Orientadora: Profa. Dra. Eliete Ávila Wolff
Coorientadora: Profa. Dra. Joniana Soares de Araújo

PLANALTINA – DF

2017

AGRADECIMENTOS

Ao meu companheiro e amigo, Juvenal Oliveira de Jesus, que me apoiou em todos os momentos difíceis desta caminhada.

À minha mãe, Cleonice Vieira dos Santos que, apesar do sofrimento imposto pela vida, não desistiu dos sonhos de dar oportunidade aos filhos para alcançar um pouco do conhecimento por meio dos estudos.

Às minhas filhas amadas, que acreditam em mim.

Aos professores que atuaram em minha formação no curso de Licenciatura em Educação do Campo e contribuíram em meus muitos momentos de aprendizagem, apoiando-me em minhas dificuldades, me estimulando a não abandonar o curso.

Às contribuições e acompanhamento constante de minha orientadora, Eliete Ávila Wolff, e às sugestões de leituras de minha co-orientadora, Joniana Soares de Araújo. À Ana Cristina Araújo por suas preciosas contribuições e correções do trabalho.

A Deus que sempre esteve ao meu lado, renovando minhas forças, nos momentos de angústia.

É através do trabalho, uma atividade prática e consciente, que o homem atua sobre a natureza. Ao produzir seus meios de vida, o homem produz indiretamente sua própria vida material (REGO, 2012, p. 96).

LISTA DE ABREVIATURAS

CNE	Conselho Nacional de Educação
DF	Distrito Federal
ENERA	Encontro Nacional dos Educadores e Educadoras da Reforma Agrária
FUP	Faculdade UnB de Planaltina
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IOC	Inserção Orientada na Comunidade
IOE	Inserção Orientada na Escola
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LEdoC	Licenciatura em Educação do Campo
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MT	Mato Grosso
PDA	Plano de Desenvolvimento do Assentamento
PRONACAMPO	Programa Nacional de Educação do Campo
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
TC	Tempo Comunidade
TE	Tempo Escola
TU	Tempo Universidade
UNB	Universidade de Brasília

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é estudar a contribuição que os materiais didáticos podem oferecer para estudantes com dificuldades de aprendizagem no Colégio Estadual Vale da Esperança, com o intuito de auxiliar no processo formativo e pedagógico. Este trabalho foi desenvolvido no Colégio Estadual Vale da Esperança, no município de Formosa - GO, aproximadamente a 75km da cidade de mesmo nome. Trata-se de uma escola camponesa que atende toda a região do Vale Paranã, rio afluente da região. A pesquisa foi resultante de um estudo de caso. Foram aplicados questionários semi-abertos a 47 estudantes do sexto ao nono ano e a 6 professores que atuam nestas turmas, para conhecer sua percepção sobre o uso de materiais didáticos. Encontramos que para os professores a aprendizagem através da utilização de materiais didáticos em sala de aula será mais efetiva está fortemente associada à sua ligação e sentido dentro do processo de aprendizagem. É encarada como uma necessidade, pois, a diversificação de materiais é fundamental já que o contexto escolar é limitado. Foram identificadas algumas crianças com dificuldades de aprendizagem desde o período de estágio na escola, através da observação, e suas respostas foram comparadas com a das crianças que não apresentam muitas dificuldades. Para ambos os grupos, os materiais didáticos consistem em recursos necessários dentro da escola para ampliar o interesse dos estudantes. Compreendemos, a partir da pesquisa, que apesar de que existem poucos materiais didáticos, a escola utiliza diversos recursos para auxiliar no processo de aprendizagem. Porém, para além da realidade local, o sistema escolar possui limitações estruturais que impedem, de maneira geral, o desenvolvimento global do estudante.

Palavras chave: Educação do Campo. Práticas pedagógicas. Dificuldades de aprendizagem.

ABSTRACT

The objective of this research is to study the contribution that didactic materials can offer to students with learning difficulties in vale da esperança state college, in order to assist in the formative and pedagogical process. This work was developed at vale da esperança state college, in the municipality of formosa - go, approximately 75km from the city of the same name. It is a peasant school that serves the whole region of the parana valley, a tributary river of the region. The research was the result of a case study. Semi-open questionnaires were applied to 47 students from the sixth to the ninth year and to six teachers who work in these classes to know their perception about the use of didactic materials. We find that for teachers, learning through the use of teaching materials in the classroom will be more effective is strongly associated with their connection and meaning within the learning process. It is seen as a necessity because, the diversification of materials is fundamental since the school context is limited. Some children with learning difficulties were identified from the period of traineeship through observation, and their responses were compared with those of children who did not present many difficulties. For both groups, didactic materials consist of necessary resources within the school to broaden student interest. We understand, from the research, that although there are few didactic materials, the school uses several resources to aid in the learning process. However, in addition to the local reality, the school system has structural limitations that generally impede the student's overall development.

Keywords: field education. Pedagogical practices. Learning difficulties

RESUMEN

El objetivo de esta investigación es estudiar la contribución que los materiales didácticos pueden ofrecer para estudiantes con dificultades de aprendizaje en el Colegio Estadual Valle de la Esperanza, con el propósito de auxiliar en el proceso formativo y pedagógico. Este trabajo fue desarrollado en el Colegio Estadual Valle de la Esperanza, en el municipio de Formosa - GO, aproximadamente a 75km de la ciudad del mismo nombre. Se trata de una escuela campesina que atiende toda la región del Valle Paraná, río afluente de la región. La investigación fue resultado de un estudio de caso. Se aplicaron cuestionarios semi abiertos a 47 estudiantes del sexto al noveno año ya 6 profesores que actúan en estas clases para conocer su percepción sobre el uso de materiales didácticos. Encontramos que para los profesores el aprendizaje a través de la utilización de materiales didácticos en el aula será más efectiva está fuertemente asociada a su conexión y sentido dentro del proceso de aprendizaje. Se considera como una necesidad, pues, la diversificación de materiales es fundamental ya que el contexto escolar es limitado. Se identificaron algunos niños con dificultades de aprendizaje desde el período de prácticas en la escuela, a través de la observación, y sus respuestas fueron comparadas con la de los niños que no presentan muchas dificultades. Para ambos grupos, los materiales didácticos consisten en recursos necesarios dentro de la escuela para ampliar el interés de los estudiantes. Comprendemos, a partir de la investigación, que a pesar de que existen pocos materiales didácticos, la escuela utiliza diversos recursos para auxiliar en el proceso de aprendizaje. Pero, además de la realidad local, el sistema escolar tiene limitaciones estructurales que impiden, de manera general, el desarrollo global del estudiante.

Palabras clave: Educación del Campo. Prácticas pedagógicas. Dificultades de aprendizaje.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	14
1.0 PERCURSO METODOLÓGICO	14
1.1 HIPÓTESE.....	14
1.2 OBJETIVOS	15
1.2.1 Geral.....	15
1.2.2 Objetivos específicos, procedimentos e sujeitos.....	15
1.3 SUJEITOS	Erro! Indicador não definido.
1.4 TIPO DE ESTUDO:	16
1.5 PROCEDIMENTOS	16
1.6 TIPO DE PESQUISA	16
CAPÍTULO 2	18
2.0 A EDUCAÇÃO DO CAMPO	19
2.1. HISTÓRICO E PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.	19
2.2 PROCESSOS DE APRENDIZAGEM PROMOVIDO PELA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	20
CAPÍTULO 3.....	22
3.0 O COLÉGIO ESTADUAL VALE DA ESPERANÇA.....	22
3.1 HISTÓRIA DO COLÉGIO ESTADUAL VALE DA ESPERANÇA	23
3.2 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO	25
3.3 AS CONDIÇÕES DA ESCOLA	26
3.4 O PERFIL DOS PROFESSORES	26
CAPÍTULO 4	28
4.0 AS DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E A EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	28
4.1 TEORIAS DE APRENDIZAGEM.....	30
4.2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA 31	
4.3 A INCLUSÃO ESCOLAR	32
4.4 DECLARAÇÃO DE SALAMANCA	32
4.5 INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	33
CAPÍTULO 5.....	34

5.0 RECURSOS DIDÁTICOS E PERCEPÇÃO DE PROFESSORES E ESTUDANTES SOBRE SEU USO DE MATERIAIS DIDÁTICOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	34
5.1 PERCEPÇÃO SOBRE O USO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS NOS PROFESSORES	34
5.2 PERCEPÇÃO SOBRE O USO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS PELOS ESTUDANTES.....	43
COMENTÁRIOS FINAIS.....	54
APENDICES	59

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é estudar a contribuição que os materiais didáticos específicos podem oferecer para estudantes com dificuldades de aprendizagem no Colégio Estadual Vale da Esperança, com o intuito de auxiliar no processo formativo e pedagógico. A Educação Inclusiva na Escola do Campo é uma ferramenta pedagógica que poderá contribuir para promoção de mudanças necessárias para o acolhimento dos educandos com dificuldades de aprendizagem.

As escolas do Campo apresentam, neste aspecto, limitações maiores do que as escolas urbanas, devido à maior precariedade da oferta de ensino nestas regiões. O direito de acesso à escola requer sua preparação e adequação, a fim de que não ocorra uma inclusão excludente, tal como menciona Freitas (2010).

Nasci no sul da Bahia, em 1968, na pequena fazenda de meus avós maternos. Quando completei cinco anos de idade, meu pai resolveu vir morar em Brasília, onde minha avó paterna vivia. Na cidade, minha mãe ficou em casa para cuidar de seus onze filhos. Crescemos com muitas dificuldades. Minha mãe lutava para não deixar que nos faltasse o básico. Manteve-nos na escola (escola classe 14 do Gama-DF). Estudamos um certo tempo. Depois, meu pai conseguiu trabalho em uma fazenda em Goiás.

Minha mãe não pode ir com ele, decidiu ficar na cidade enquanto ele se estabelecesse na fazenda. Quatro anos se passaram e ele não voltou para casa. Eu e minhas irmãs éramos pequenas e não entendíamos o que estava acontecendo. Lembro que minha mãe trabalhava muito para colocar o alimento em casa, levantava cedo para lavar roupas para as amigas ou conhecidas dela. Muitas vezes vi mamãe esfregando roupas à mão, no tanquinho improvisado, no fundo do quintal de nossa casa. Porém, ela sempre foi uma mulher guerreira. Nunca desistiu de lutar para que seus filhos estudassem. Ainda ouço ela dizendo: “estudem para terem sua independência, porque eu não tive a oportunidade que vocês têm”. Mas, as coisas nem sempre acontecem do jeito que queremos. Todas casamos cedo e cada uma escolheu seu próprio caminho. Eu me casou muito nova (quase uma criança). Não estudei no período certo. Tive minhas filhas (um bem precioso que Deus me confiou).

Criei minhas filhas com muita luta, pois, fiquei viúva aos trinta e três anos de

idade. Minha jornada não foi nada fácil. Encarei muitos desafios que encontrei pela estrada da vida. Das quatro filhas que tenho, uma apresentou grande dificuldade de aprendizagem na escola. Aos dez anos, ela não conseguia sair da primeira série do Ensino Básico. Então, procurei ajuda para minha filha querida.

Na área da saúde, foram muitas consultas com psicólogo, pediatra, clínico geral, psiquiatra e outros. O pediatra a encaminhou ao Centro de Orientação Médico de Psicopedagógico Regional (COMPER), na Asa Norte. Foram-se seis anos de caminhada acompanhando o tratamento dela. Logo no primeiro ano de tratamento, pudemos perceber o avanço de minha filha na escola, pois, ela conseguiu passar adiante. Fiquei maravilhada com seu salto.

Porém, perdi o emprego. Naquela época, eu trabalhava na casa de uma família no Gama. Minha patroa me pedia que eu fosse até nas reuniões de escola de seus filhos. Mas, quando comecei faltar alguns dias de trabalho para acompanhar minha criança nas consultas, fui despedida. Outra pessoa podia ocupar minha vaga. Não foi fácil resolver a situação, sem renda para as passagens. Mas, dei preferência ao acompanhamento médico da Rafaela, minha filha. Continuamos o processo nas consultas marcadas pelos médicos da rede pública de saúde em Brasília.

Rafaela, hoje, está com vinte e seis anos de idade. Ela conseguiu avançar nos estudos. Concluiu o ensino fundamental e se casou. Tem dois filhos lindos e leva uma vida normal, como qualquer pessoa. É uma mulher maravilhosa, cuida bem de seus afazeres no dia a dia.

Essa experiência me motivou a pesquisar este tema, porque acredito que se os educadores obtiveram mais formação na área da psicologia na educação, muitos dos nossos estudantes irão conseguir acompanhar o processo de aprendizagem com maior facilidade. Eu, por falta de orientação ou conhecimento em relação ao assunto, esperei muito tempo para ir à busca de ajuda para minha Rafaela. Porém, este quadro pode e tem evoluído muito, e nossas crianças precisam de uma atenção melhor no que diz respeito à educação e em especial à Educação do Campo.

Ao ter acesso às teorias de Vygotsky e outros estudiosos, fiquei interessada em entender um pouco mais do acontecido com minha filha e contribuir com a escola na qual estou inserida, o Colégio Estadual Vale da Esperança. Ali temos crianças com dificuldades de aprendizagem.

Muitas vezes, as atividades solicitadas não levam em conta a realidade destes estudantes com seus saberes e dificuldades. Muitas crianças não

conseguem perceber que possuem alguma deficiência e acabam carregando o problema na maior parte de suas vidas, o que as desestimulam na continuação de seus estudos. Uma criança com algum tipo de deficiência nem sempre mostra o que está sentindo e acaba por não mais frequentar a escola, interrompendo seu desenvolvimento acadêmico, social e até mesmo emocional, dificultando, assim, sua vida em todos os sentidos. Portanto, o objetivo de minha pesquisa foi o de identificar formas de contribuição, através do uso de materiais didáticos, para o processo de aprendizagem de crianças que apresentem dificuldades e ou deficiência de aprendizagem.

Capítulo I

1.0 PERCURSO METODOLÓGICO

Foi utilizado o estudo de caso como um dos recursos para desenvolver a pesquisa. Para André (2013, 96) “o estudo de caso se faz importante quando o pesquisador quer investigar ou entender um fenômeno particular levando em conta seu contexto e complexidade”. O trabalho foi realizado na escola Vale da Esperança, com o intuito de observar a realidade e o contexto do processo pedagógico, por meio dos materiais didáticos ali produzidos e/ou utilizados, para saber se atendem às necessidades das crianças com dificuldades de aprendizagem. “O estudo de caso tem a capacidade de levar o pesquisador a novas descobertas e acrescenta outros aspectos à problemática, apresentando uma contraface ao trabalho ou pesquisa” (ANDRÉ, 2008, p.35).

Com o objetivo de identificar casos de deficiência e dificuldades, fizemos uma primeira proposta de estudo. Porém, a pesquisadora não identificou crianças com deficiência. Portanto, apesar de que se levará em conta o mapeamento de possíveis casos no futuro, o presente estudo abordará apenas as situações de dificuldade de aprendizagem.

1.1 HIPÓTESE

Materiais e jogos didáticos para estudantes com dificuldades de aprendizagem e/ ou deficiências podem contribuir para melhorar sua aprendizagem e estimular as relações interpessoais, promovendo maior compreensão da diferença no contexto escolar.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Geral

Identificar a contribuição dos materiais didáticos específicos para auxiliar estudantes com deficiências e/ou dificuldades de aprendizagem: o caso do Colégio Estadual Vale da Esperança.

2.2.2 Objetivos Específicos, procedimentos e sujeitos

Abaixo, apresentamos o Quadro 1 que sintetiza a relação entre os objetivos específicos, os procedimentos escolhidos para alcançá-los e os sujeitos que participarão da pesquisa.

Quadro 1 - Objetivos específicos, procedimentos e sujeitos da pesquisa

Objetivos específicos	Procedimentos	Sujeitos
1. Estudo teórico sobre dificuldades de aprendizagem e/ou deficiências, em materiais didáticos para auxiliar a aprendizagem.	Estudo bibliográfico	-
2. Analisar o uso de materiais didáticos para estudantes com dificuldades na escola.	Observação	Estudantes e professores do 8º e 9º ano;
3. Conhecer a percepção dos estudantes sobre o uso dos materiais didáticos.	Entrevistas e aplicação de questionário	Com estudantes do 8º e 9º ano;
4. Conhecer a percepção dos professores sobre os materiais didáticos.	Entrevistas e aplicação de questionário	Com estudantes e professores do 8º e 9º ano;

O primeiro objetivo específico tratou da busca bibliográfica sobre a Educação do Campo, as teorias de aprendizagem, o debate sobre dificuldades de aprendizagem e a deficiência. O segundo objetivo implicou na observação do uso de

materiais didáticos durante o período do estágio que ocorreu na escola. O terceiro e os quartos objetivos pretenderam conhecer a percepção dos professores e estudantes sobre o uso dos materiais didáticos e identificar em que medida é necessário um acompanhamento específico ou um trabalho coletivo em sala de aula. Para isso, foram criados e aplicados dois questionários, que foram respondidos por seis professores e 47 estudantes do 6º ao 9º ano.

1.1 TIPO DE ESTUDO E DE PESQUISA

Foi realizado um estudo de caso na escola que é um tipo de pesquisa qualitativa. O estudo de caso vem sendo usado em muitas áreas. Segundo André (2013, p. 96), tem como finalidade descrever o mais detalhadamente possível o caso a ser estudado.

Peres e Santos (2005, apud ANDRE, 2013, p. 97), destacam três pressupostos básicos que devem ser levados em conta ao se optar por estudo de caso qualitativo. 1. O conhecimento está em constante processo de construção; 2. O caso envolve uma multiplicidade de dimensões; 3. A realidade pode ser compreendida sob diversas óticas.

O primeiro pressuposto implica uma atitude aberta e flexível por parte do pesquisador que se apoia em um referencial teórico, mas não se fixa rigidamente nele, pois fica atento a aspectos novos, relevantes que podem surgir no decorrer do trabalho. O segundo pressuposto requer que o pesquisador procure utilizar uma variedade de fontes de dados, de métodos de coleta, instrumentos e procedimentos para contemplar as múltiplas dimensões do fenômeno investigado e evitar interpretações unilaterais ou superficiais. O terceiro pressuposto exige uma postura ética do pesquisador que deve fornecer ao leitor as evidências para fazer suas análises, ou seja, que descreve de forma acurada os eventos, pessoas e situações observadas, transcreva depoimentos, estratos de documentos e opiniões dos sujeitos participantes, busque intencionalmente fontes com opiniões divergentes. Com estes elementos o leitor pode confirmar ou não as interpretações do pesquisador. (ANDRÉ, 2013, p.97).

Neves (1996, p.1) entende por pesquisa qualitativa a que tem como abordagem a possibilidade de investigação e costuma ser direcionada no seu âmbito de desenvolvimento, com foco de interesse amplo numa perspectiva diferenciada em que parte da obtenção mediante contato direto e interativo entre pesquisador e o

objeto de estudo. Dessa forma, a pesquisa qualitativa parte do pesquisador o entendimento dos fenômenos de acordo com os participantes da pesquisa em relação à situação estudada, para que se situe uma melhor interpretação dos fenômenos estudados.

A pesquisa qualitativa tem como característica o estudo do caso, através de coletas de dados fazendo entrevistas com os participantes envolvidos na pesquisa para obter informação numa perspectiva de compreensão do objeto de estudo. Conforme Neves (1996, p. 1), a pesquisa qualitativa propõe vários significados no campo de ciências sociais. A compreensão de uma pesquisa desse porte observa-se o descrever e a decodificação dos componentes da pesquisa e tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social. É um estudo com em corte temporal-espacial de um determinado fenômeno por parte do pesquisador. Os dados foram obtidos durante os meses de abril e maio de 2017.

André e Lüdke (1986, *apud* Machado, 2017) apresentam algumas características do estudo de caso, das quais escolhemos duas que mais se aproximam da trajetória metodológica da pesquisa:

1. *Os estudos de caso visam a descoberta.* Mesmo que o investigador parta de alguns pressupostos teóricos iniciais, ele procurará se manter constantemente atento a novos elementos que podem emergir como importantes durante o estudo. O quadro teórico inicial servirá assim de esqueleto, de estrutura básica a partir da qual novos aspectos poderão ser detectados, novos elementos ou dimensões poderão ser acrescentados, na medida em que o estudo avance.

2. *Os estudos de caso enfatizam a 'interpretação em contexto'.* Um princípio básico desse tipo de estudo é que, para uma apreensão mais completa do objeto, é preciso levar em conta o contexto em que ele se situa (p. 18-19)

Iniciamos o trabalho de descrição da unidade, através dos documentos presente na escola e das monografias a respeito. Na sequência, realizamos a aplicação de questionários semi-aberto, a fim de conhecer a opinião de professores e estudantes sobre o uso de materiais didáticos. Nas respostas aos questionários solicitamos respostas de múltiplas escolhas, mais utilizadas em estudos quantitativos.

As perguntas de múltipla escolha são perguntas fechadas com várias

opções de respostas. Elas devem informar se é para ser escolhida apenas uma resposta ou, opcionalmente, o respondente pode escolher mais de uma. As opções de resposta podem estar na forma de escala, para o respondente indicar o seu grau aceitação ou satisfação sobre um assunto (MATTAR, 1996) [...] MATTAR (1996) e BOYD & WETFALL (1964) aconselham que essas perguntas tenham uma opção de resposta aberta do tipo “outras razões”. MARCONI & LAKATOS (1996) informam que a combinação de perguntas abertas com múltipla escolha aumenta a quantidade de dados sem dificultar a tabulação.

Na presente pesquisa no questionário para professores e estudantes foram oferecidas 5 alternativas de respostas, em forma de escala. Para os professores foram solicitadas respostas abertas como complementação das respostas do questionário fechado. Além disso foram feitas observações em sala de aula, análise de documentos produzidos pela escola e bibliografia relacionada com o tema. O conjunto de dados obtidos, quantitativos e qualitativos, permitem a definição desta como uma pesquisa quanti e qualitativa.

A Educação do Campo é o contexto teórico, e a escola do campo é o contexto real em que se desenvolveu a pesquisa. Como moradora antiga da comunidade, vivenciei muitos de seus momentos diferenciados, e da importância da educação do campo na formação de seus professores, assim como no funcionamento da escola e de sua relação com a comunidade. Esta é uma escola marcada pela força de transformação e luta dos movimentos sociais do campo que está se consolidando como uma referência para uma nova educação no país.

Observei a escola em meu estágio e, a partir das perguntas que propusemos e da experiência que tive como mãe de estudante com limitações de aprendizagem, constituo esta pesquisa.

CAPÍTULO II

2.0 A EDUCAÇÃO DO CAMPO

2.1. Histórico e princípios da educação do campo.

A educação do campo surge a partir da luta dos trabalhadores rurais, organizados em movimentos sociais e se propõe a vincular a realidade do campo com a escola que existe nas comunidades, fazendo com que a vida que existe seja pensada pela própria escola.

O conceito de educação do campo dentro da área educacional tem avançado com a busca que os movimentos sociais vêm travando com políticas públicas voltadas para uma educação no/do campo. Com embasamento nas pesquisas já realizadas, não só vista por fora, mas dentro do contexto educacional e social a educação do campo se faz necessária para um melhor desenvolvimento dos sujeitos do campo (molina, 2009, p. 234).

Na educação rural não existe uma preocupação genuína com o sujeito que vive no campo. Por isso, surgiu a Educação do Campo. O trabalho do educador do campo é servir à sua comunidade, ajudando na luta contra o fechamento de escolas, com a valorização dos profissionais da Educação do Campo e de práticas pedagógicas que a fortaleçam, defendendo a produção de alimentos saudáveis. Por isso, o educador que trabalha na escola do campo é aquele que conhece a realidade da comunidade e do povo do campo, suas dificuldades e demandas.

A Educação do Campo busca, por meio da formação de professores, sensibilizar para a importância de uma educação comprometida com um campo humanizado, agroecológico, defensor da vida e de cultura camponesa.

[...] A proposta da Educação do Campo, não é meramente pedagógica, ao buscar relacionar escola e vida, também se almeja a veiculação de uma *determinada* concepção de campo, na qual esse seja um *lugar de vida*. Essa compreensão se distingue da concepção de campo hegemônico, na qual o campo é apenas um espaço de produção, no qual os meios para socialização, cultura, educação para os moradores da zona rural, não estão inseridos (MARTINS 2009).

Os movimentos sociais reforçam e defendem a escola do campo com o objetivo de fortalecer os trabalhadores do campo que desejam permanecer e lutar por sua própria terra, desejam produzir ou se dedicar ao trabalho ligado à forma de vida camponesa. Isso significa que no campo deve haver acesso a todos os serviços necessários, pois, os direitos dos sujeitos do campo são os mesmo que qualquer cidadão.

O surgimento da expressão “Educação do Campo” pode ser datado. Nasceu primeiro como Educação Básica Dicionário da Educação do Campo, 260 do Campo no contexto de preparação da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho 1998. Passou a ser chamada Educação do Campo a partir das discussões do Seminário Nacional realizado em Brasília de 26 a 29 de novembro 2002, decisão posteriormente Rural Sem Terra (MST) em julho daquele ano, evento em que algumas entidades desafiaram o MST a levantar uma discussão mais ampla reafirmada nos debates da II Conferência Nacional, realizada em julho de 2004. As discussões de preparação da I Conferência iniciaram-se em agosto de 1997, logo após o I Encontro Nacional dos Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (Enera), realizado pelo Movimento dos Trabalhadores. Sobre a educação no meio rural brasileiro, (CALDART, 2009, p. 258). Os esforços em torno da Educação do Campo envolveram uma forte articulação nacional, protagonizada tanto pelos movimentos sociais como por entidade e/ou apoiadores da causa, dentro das universidades e instituições públicas, e abriram caminho para a elaboração de políticas públicas que possibilitam a consolidação de direitos para o trabalhador do campo.

Se bem a expressão “educação do campo” tem data, a luta pela educação do campo é resultado de um longo processo histórico de resistência contra o monopólio de terras e pela permanência do trabalhador do campo. A proposta de educação do campo está constituída de experiências coletivas

que criticam a escola tradicional e educação rural como padrão hegemônico. Para transformar a escola rural é preciso “propor uma escola do e no campo, opondo-se ao processo de racionalização das escolas rurais, e reverter esse quadro com a expansão da referida rede, com a ocupação dos espaços pelos sujeitos neles inseridos”(MARINS, 2009).

A educação do campo propõe a transformação da atual forma escolar. Portanto, atravessa o currículo e as atividades escolares ao propor, por exemplo os temas geradores, calendários específicos e a pedagogia da alternância vinculando a escola com a vida, penetrando assim, na própria realidade camponesa. Daí deriva novas relações de aprendizagem e produção de conhecimento.

2.2 PROCESSOS DE APRENDIZAGEM PROMOVIDO PELA EDUCAÇÃO DO CAMPO

A Educação do Campo propõe outra forma de aprender e construir conhecimento. Um dos elementos fundamentais da formação do educador do campo e de uma proposta nesta concepção é a estruturação da relação escola comunidade que, em geral, dá-se por meio da alternância.

Alternar os tempos pedagógicos permite que o estudante leve para sua comunidade um conjunto de tarefas a serem desenvolvidos em seu contexto. Estas tarefas fazem com que o professor em formação observe seu próprio ambiente, tão familiar, sob outros focos e pontos de vista. A escola é estimulada a se inserir nas ações e contextos locais, promovendo a ressignificação do saber escolar. Assim, por meio da Educação do Campo, o estudante se envolve com a vida local, e, conseqüentemente, com os seus problemas e buscas de solução.

CAPÍTULO III

3.0 O COLÉGIO ESTADUAL VALE DA ESPERANÇA¹

O Colégio Estadual Vale da Esperança está localizado a 75 km de Formosa - Goiás. A pesquisa foi realizada no Ensino Fundamental da escola dessa Inserção. A escola atende à região do Vão do Paranã e recebe crianças e adolescentes, desde a Educação Infantil, o 1º ano do Ensino Fundamental, até o 3º ano do Ensino Médio. As séries iniciais, 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental, no período matutino, são

¹ Fonte: projeto político pedagógico (PPP) da escola. 2016.

assumidas pelo município. Do 6º ao 9º do Ensino Fundamental, vespertino, e do 1º ao 3º ano do ensino médio, no período noturno, são assumidos pelo Estado.

O Colégio Estadual do Assentamento Vale da Esperança é um ponto de referência para as famílias assentadas e as que estão acampadas próximas, além de fazendas circunvizinhas. Estudam no Colégio 140 alunos. Os educandos desse colégio são filhos de caseiros das chácaras vizinhas e filhos de assentados do Assentamento Vale da Esperança, Assentamento Água Viva e do Assentamento Florinda. Este último foi criado em 2008. Segundo Xavier (2013, p. 19, apud MACHADO, 2014, p.)² “Os estudantes do Assentamento Água Viva percorrem, em média 30 km, os estudantes do Assentamento Florinda percorrem em média 20 km em um ônibus escolar para chegarem à escola”

3.1 HISTÓRIA DO COLÉGIO ESTADUAL VALE DA ESPERANÇA

O Colégio Estadual Vale da Esperança é fruto da luta dos trabalhadores camponeses, que no período de julho de 1996 a 1998, acamparam na fazenda que hoje se chama Assentamento Vale da Esperança, organizados no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra-MST.

A partir da necessidade de manter seus filhos na escola e próximos ao ambiente familiar é que ocorreram diversas manifestações. A luta pela escola foi iniciada no período de luta pela terra. Devido às dificuldades presentes naquela época, a escola iniciou seu funcionamento provisoriamente em salas anexas do Colégio Estadual, Distrito de Santa Rosa.

Durante alguns anos, na sede da fazenda distante oito quilômetros do primeiro acampamento e distante a dez quilômetros da Escola Municipal Fazenda Água Doce. Pais e educandos tendo em vista que havia muitos jovens estudando de 6º ao 9º ano *do Ensino Fundamental com seus filhos morando na cidade nas casas de familiares, a comunidade e principalmente os pais, onde os filhos estavam na cidade decidiram que para o desenvolvimento da comunidade e principalmente a permanência das famílias n meio rural a educação seria fundamental, iniciou-se uma longa e penosa jornada com reuniões, audiências, mobilizações órgãos públicos,*

² MACHADO, Catarina dos Santos. Formação de educadores e a construção da escola do campo: um estudo sobre a prática educativa no colégio estadual vale da esperança - Formosa/GO,UnB/FUP. Dissertação, 2014.

para a implantação de series subsequente, a quarta e depois o ginásio, (sino Fundamental). Início da construção de um Galpão improvisado para funcionar as salas anexas Colégio Estadual Distrito de Santa Rosa. A construção do mesmo contou com recursos dos assentados em forma de doações como: madeira, dinheiro para compra de telhas, cimento, areia, mão de obra etc³.

As salas de aula foram feitas por meio de um grande mutirão, em 1999, e funcionaram com anexo do Colégio Estadual, Distrito de Santa Rosa, para atender ao público do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, pois, o primeiro ciclo, a prefeitura de Formosa atendia pela Escola Municipal Fazenda Água Doce, já, então, localizada dentro do Assentamento Vale da Esperança”.

Em meados de setembro de 1999, foi iniciado o assentamento dos camponeses acampados na região. Com isso, surge a necessidade de mobilização para construção de uma escola para os filhos dos recém-assentados, ou seja, a construção da Escola 15 de Julho. Essa conquista se deu por que os camponeses acamparam em frente à prefeitura de Formosa de Goiás.

Em maio de 2010, eu passei a frequentar a escola como estudante do terceiro ano do Ensino Médio. Na época, a escola era destaque e ganhou vários prêmios. Os estudantes eram muito participativos e integrados no processo educativo. Os gestores já haviam trazido para a escola uma visão democrática de construção do conhecimento. Era muito bom estudar naquela escola.

A partir de 2009, vários estudantes da comunidade começaram a frequentar o curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), marcando o início de um novo movimento na educação da região. Nos período de 2013 a 2015, um ex-estudante da escola, formado na LEdoC, esteve à frente da gestão escolar, implementando uma histórica experiência democrática e participativa diferenciada, modificando de forma significativa a relação escola comunidade.

A comunidade elegeu um professor que, ao ter sido formado por meio dos princípios da Educação do Campo, não hesitou em propor para a escola uma mudança radical em seu funcionamento. Esta importante experiência não recebeu o devido apoio da administração do Estado, tendo sido substituída pela forma escolar tradicional, depois de alguns anos. No entanto, sua marca ficou presente na comunidade e na vida de muitos estudantes e professores que lá trabalharam e

³ Informação presente no Inventário da Escola.

estudaram.

Neste período, também, a escola recebia constantes visitas de professores e estudantes universitários que desejavam conhecer o trabalho lá desenvolvido. Foram escritas monografias e dissertações sobre esta experiência, são exemplos disso os trabalhos de Machado (2014) e Xavier (2016). Esses trabalhos apontaram que, apesar de suas muitas contradições, o trabalho deveria ser retomado pela coletividade

3.2 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO⁴

O projeto político pedagógico da escola representa o conjunto de definições, princípios e orientações do trabalho pedagógico e da gestão escolar. Descreve a escola e suas condições para o atendimento e acompanhamento educativo. Também inclui as formas de atuação da escola perante a comunidade e sociedade. O PPP da escola, neste sentido, defende, como princípio, uma educação de qualidade, com respeito e compromisso pelo individual e pelo coletivo, pela ética profissional, pela valorização do corpo docente, discente e administrativo, pela gestão participativa, pela integração e cooperação nas metas e ações.

As ações pedagógicas do PDE⁵ são parte integrante deste projeto pedagógico, planejadas coletivamente concomitantes com colaboração dos planejamentos no início de cada ano letivo, conforme previsto no calendário escolar.

Para integrar as ações pedagógicas e administrativas, realizamos semanalmente reuniões e encontros pedagógicos, nos quais serão desenvolvidos estudos de reflexões coletivas, inclusive aquelas ligadas ao aprender a conviver com a inclusão, estudos sobre temas pertinentes à prática pedagógica e administrativa. Nesses momentos também são planejadas outras atividades extraclasse: jogos, palestras, seminários exposição cultural das cinco regiões, comemorações, apresentações de danças, teatros, gincanas, debates estudos e palestra sobre sexualidade, gravidez precoce, drogas, vícios, riscos, violência familiar,

⁴ Baseado no PPP da escola.

⁵ O Plano de Desenvolvimento da Escola – PDE é uma ferramenta gerencial que auxilia a escola a realizar melhor o seu trabalho, focalizar sua energia, assegurar que sua equipe trabalhe para atingir os mesmos objetivos, avaliar e adequar sua direção em resposta a um ambiente em constante mudança. É considerado um processo de planejamento estratégico desenvolvido pela escola para melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem. (<http://portal.mec.gov.br/portal-do-professor>)

agroecologia, preservação do meio ambiente, horta escolar etc.

As decisões pedagógicas e administrativas são tomadas coletivamente em reuniões dos conselhos de classe escolar, e nos conselhos escolar, de acordo com os princípios da gestão participativa determinada pela LDB 9.394/96.

Para Freire (1996), as desigualdades serão motivos de crescimento mútuo, e não de seleção exclusão, e poderemos através de nossa responsabilidade e de educadores, comprometidos construirmos um mundo melhor e mais humano. Pare este pensador, não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos [...] a transgressão dos princípios éticos é uma possibilidade, mas não é uma virtude (FREIRE, 1996, p 10).

3.3 AS CONDIÇÕES DA ESCOLA

O Colégio Estadual Vale da Esperança é uma Escola do Campo, que foi construída a partir da demanda da comunidade local, por volta dos anos de 1999, Com recursos da própria comunidade. As famílias da comunidade do Vale da Esperança, por não ter condições de manter seus filhos na cidade mais próxima para estudar, tomaram a iniciativa de promover uma escola no campo, na fazenda que ocupavam naquela época. Foram muitos dias de muita batalha que tiveram que enfrentar, um vai e vem constante na prefeitura de Formosa- GO e em outras instituições da área educacional.

Trata-se de uma escola do campo por ter seu público em torno de 100% formado por camponeses. Ela está localizada em uma área destinada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Uma vez cedido o local, a comunidade deu início à construção da mesma, com o seu próprio recurso, ou seja, com o material básico que cada um doou.

A escola está constituída por cinco (5) salas de aula, duas (2) secretarias, por atender município e estado, três (3) banheiros, um (1) masculino, um (1) feminino e um (1) para necessidades especiais, um (1) depósito de gêneros alimentícios, duas (2) circulações internas, um (1) laboratório de informática, uma (1) cozinha, uma (1) área de serviços.

3.4 O PERFIL DOS PROFESSORES

A formação continuada dos educadores é feita a cada semana, preferencialmente nas terças-feiras, ou quando solicitado. Esse momento é fundamental para o desenvolvimento pedagógico da escola e faz-se necessário para a formação continuada do corpo docente. É um espaço de reflexão coletiva sobre o seu fazer pedagógico, possibilitando uma prática coerente com a perspectiva de educação proposta pela Unidade Escolar.

Os profissionais que prestam serviços para a comunidade escolar do Vale da Esperança são professores que adotaram a educação por amor ao ato de ensinar. Muitos que já passaram por lá não tinham uma formação, ou seja, eram educadores que não tinham habilitação em nível médio ou superior ou Especialização na área da educação. Hoje, o quadro está sendo invertido, graças ao curso Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC).

Os profissionais da Educação, do Colégio Estadual Vale da Esperança, apesar da grande rotatividade, têm sido, com frequência, oriundos do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) que vem fazendo a diferença no Campo quando se trata de projeto educacional.

CAPÍTULO IV

4.0 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E A EDUCAÇÃO ESPECIAL

As dificuldades de aprendizagem ocorrem devido a um grande conjunto de razões. As dificuldades que ocorrem dentro da escola e os fracassos dos estudantes foram amplamente estudados por Patto (1990), que confrontou, já na década de 1990, os preconceitos racistas e classistas presentes na escola e que promoviam, no estudante, o aprofundamento das dificuldades de aprendizagem. Segundo Senna (1991), essa confrontação permitiu à autora elaborar algumas conclusões a respeito do tema da dificuldade ou do fracasso na escola, fazendo uma revisão crítica das teorias do déficit⁶ e da diferença cultural, presentes na educação, na década de 1960 e 70, para explicar porque as crianças não aprendem. Para Patto, as explicações não eram suficientes e os programas para melhorar a aprendizagem

⁶ As teorias do déficit e da diferença cultural permanecem presente na escola até hoje, alimentando a ideia de que está além do poder da escola, interferir na melhoria da condição da criança.

eram também inadequados.

- a inadequação da escola decorre, principalmente, de sua má qualidade, da representação negativa que os seus profissionais têm da capacidade dos estudantes, conseqüência da desvalorização social dos seus usuários mais empobrecidos;

- o fracasso da escola pública elementar é o resultado inevitável de um sistema educacional congenitamente gerador de obstáculos à realização de seus objetivos;

- esse fracasso é administrado por um "discurso científico escudado em sua competência, que naturaliza esse fracasso aos olhos de todos os envolvidos no processo"; (Patto, apud SENNA, 1991).

Ainda segundo Senna (1991), Patto considera que a escola tem uma força própria de transformação, presente em estudante, professores e funcionários, que carregam as contradições na prática e no discurso:

A rebeldia pulsa no corpo da escola e a contradição é uma constante no discurso de todos os envolvidos no processo educativo; mais que isto, sob uma aparente impessoalidade, pode-se captar a ação constante da subjetividade. A burocracia não tem o poder de eliminar o sujeito; pode, no máximo, amordaçá-lo, Senna (1991).

Por essa razão, ao olharmos a escola Vale da Esperança, sabemos que ela está inserida em uma complexa trama institucional que envolve disputas de poder local e regional, e que segue caminhos, atualmente, mais tradicionais, na superação das dificuldades de aprendizagem. No entanto, nas últimas décadas, muitos avanços foram alcançados para atender às dificuldades e às deficiências.

Na escola, temos estudantes com dificuldades de aprendizagem e de desenvolver as atividades propostas ou apresentadas pelos professores, que, muitas vezes, não levam em conta a realidade destes estudantes com seus saberes e dificuldades. Muitos não conseguem notar o possível problema que eles carregam durante a maior parte de suas vidas ou não percebem o que os desestimula a continuar seus estudos.

Uma criança com dificuldade nem sempre mostra o que está sentindo e acaba por não mais frequentar a escola, interrompendo assim sua formação

intelectual, social e até mesmo emocional, causando transtorno em sua vida em todos os sentidos. Segundo Vygotsky *apud* Rego (2012), o ser humano tem mecanismos para se desenvolver, porém, depende muito do ambiente em que convive e dos demais sujeitos que o rodeiam. Em outras palavras, quando o homem modifica o meio, causa alterações não só no ambiente, mas, também no processo evolutivo no qual está inserido.

4.1 TEORIAS DE APRENDIZAGEM

A maior parte dos atos humanos não se baseia em inclinações biológicas. De modo geral, a ação do homem é motivada por complexas necessidades, tais como, “a necessidade de adquirir novos conhecimentos, de se comunicar, de ocupar determinado papel na sociedade, de ser coerente com seus princípios e valores” (REGO, 2012, p. 45). De acordo com Marx, o desenvolvimento de habilidades e funções específicas do homem, assim como a origem da sociedade humana, são resultados do surgimento do trabalho. É por meio do trabalho que o homem, ao mesmo tempo em que transforma a natureza (objetivando satisfazer suas necessidades), transforma-se. Para realizar sua atividade, o homem se relaciona com seus semelhantes e fabrica os instrumentos, propõe o uso e a criação de meios de trabalho (REGO, 2012, p.51).

Para o ser humano obter desenvolvimento, ele precisa de um ambiente que lhe proporcione as condições necessárias para tanto, isso quer dizer que qualquer pessoa, mesmo com dificuldades de aprendizagem ou deficiências, poderá desenvolver muitas (ou todas) as habilidades propostas pelas atividades da escola. Nenhum ser humano deve ser uma ilha, sem relações sociais. Todo ser humano se transforma em sua relação permanente com o mundo.

Pessoas, especificamente crianças com dificuldades de aprendizagem, têm o direito de obter chances de acompanhamento específico para seu desenvolvimento sociocultural, encontrando apoio educacional pedagógico nos coletivos que a cercam. Na área de saúde e na educação, elas devem receber toda a assistência adequada, durante o tempo que for necessário para sua inclusão na sociedade. Vygotsky (*apud* REGO, 2012) afirma que o ser humano tem mecanismos para se desenvolver, porém, depende muito do ambiente em que convive e dos demais sujeitos que o rodeiam. Entretanto, sabe-se que a educação não é inclusiva,

especialmente nas escolas do Campo, onde uma pequena ou quase imperceptível atenção está voltada para esta área de produção do conhecimento.

Dificuldades de aprendizagem e estudantes com deficiência

Em busca de melhor exemplificar questões pertinentes à dificuldade de aprendizagem de estudantes com deficiência, torna-se necessário discutir apontamentos acerca do ensino especial, bem como dos contextos de inclusão, exclusão e segregação social, os quais pontuamos:

A Educação Especial é uma modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino para alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades; assim compreendidos:

- Alunos com deficiência têm impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que em interação com diversas barreiras podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade;
- Alunos com transtornos globais de desenvolvimento têm síndromes do espectro do autismo e psicose infantil;
- Alunos com altas habilidades apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse (BRASIL, 1996, 2008a).

Na busca de uma educação para todos, ansiamos por uma escola que contemple, sobretudo, aspectos de equidade, tornando o ambiente favorável ao desenvolvimento. Não se pode conceber uma escola que simplesmente eduque para a vida. A educação deve levar em conta a indissociabilidade da relação entre vida e educação. Portanto, a educação deve ser na vida, entendendo assim que vida e educação são elementos indissociáveis tanto para o ato de educar quanto para o exercício da cidadania.

Tabela 1 - Estudantes sem e com dificuldades de aprendizagem, por ano

Serie	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	Total
Com dif	6	5	6	2	19
Sem dif	4	8	9	7	28
Total	10	13	15	9	47

No Tabela 1, apontamos a quantidade de estudantes que apresentam e que não apresentam dificuldades na escola. No 6º ano, podemos observar que mais de 50% dos estudantes (6) são identificados como tendo dificuldades. No 7º e no 8º, o número baixa, porém, ainda representa uma parte importante da turma. No nono ano (9º), menos de 30% tem dificuldades. Do total de 46 estudantes, 19 apresentam dificuldades. Não existem crianças com deficiência, porém, a escola tem uma importante tarefa de auxiliar estes estudantes a superar suas dificuldades.

4.3 A Inclusão escolar

Ao que confere Araújo & Silva (2016), é preciso levar em consideração a realidade social, cultural, política, cognitiva, entre outros, de cada indivíduo e o conhecimento acerca das necessidades específicas de cada estudante, a partir de múltiplos contextos que o cercam. Assim, Lacerda afirma que

“[...] a inclusão pressupõem o diálogo e não atitudes autoritárias”. Neste contexto vale ressaltar: “O modelo inclusivo sustenta-se em uma filosofia que advoga a solidariedade e o respeito mútuo às diferenças individuais, cujo ponto central está na relevância da sociedade aprender a conviver com as diferenças” (LACERDA, 2006, p. 166). Deste modo, é necessário que a atuação pedagógica seja recorrente e praticada no dia a dia na sala de aula, procurando propiciar conhecimento dos conteúdos curriculares, métodos de ensino e de estímulo à criatividade do professor e outros fatores que auxiliem aos contextos de inclusão.

4.4 DECLARAÇÃO DE SALAMANCA

O que diz a declaração de salamanca sobre a inclusão na escola? A educação inclusiva está baseada na construção de uma escola acolhedora, que atenda a todos sem a permanência de critérios ou exigências de natureza alguma, para que não haja exclusão de seus estudantes que necessitam de ajuda, de alguma forma, para desenvolver suas habilidades, levando em conta que cada um tem sua própria condição, ou seja, cada um tem seu próprio tempo, sua própria capacidade de fazer ou aprender algo. De acordo com andrade e gomes (2012, 28)⁷

Para que a inclusão torne-se algo concreto e saia do campo da utopia é necessário um processo de resignação de concepções e

⁷ EDUCAÇÃO INCLUSIVA: PERSPECTIVAS DA DECLARAÇÃO DE SALAMANCA; P.2.

práticas, em que os educadores passem a compreender a diferença humana em sua complexidade, não mais com um caráter fixo e um lugar, mas entendendo que as diferenças estão sendo constantemente feitas e refeitas e estão em todos e em cada um. Ao mesmo tempo em que contribui para transformar a realidade histórica da segregação escolar e social das pessoas com deficiência, tornando efetivo o direito de todos à educação.

Para tanto, ainda necessita-se de muito trabalho e apoio, por parte de todos, para esta causa tão nobre que é a educação do sujeito de/e com direito, sobretudo a educação Inclusiva no Campo e para o Campo, por ser uma causa ainda no anonimato ou ainda, muito restrita. Segundo Andrade e Gomes (2012, p. 39)Dentre as medidas tomadas podemos citar a Declaração de Salamanca sobre Princípios, Política e Prática em Educação Especial, que foi elaborada em junho de 1994, com a participação de representantes de 88 países, incluindo o Brasil, e de 25 organizações internacionais, reunidos em Assembleia da Conferência Mundial de Educação Especial.

A Declaração de Salamanca é um dos aparatos que fortalecem o instrumento educacional em se tratando da inclusão. No caso, a Educação Inclusiva no/do Campo deve levar em conta que essas reflexões demonstram que a escola verdadeiramente inclusiva tem como desafio considerar a diferença como a oportunidade de promover situações diversas de ensino, pautada pela participação de todos os agentes envolvidos na promoção da igualdade. A Educação do Campo é fortemente esquecida e negligenciada, historicamente. Depende, portanto, em grande medida, da ação conjunta entre os professores e comunidade para sua melhoria e superação das dificuldades.

4.4 INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

No que se refere à educação especial e às dificuldades de aprendizagem, é necessária, além da articulação família escola, uma formação adequada para atender a essas especificidades. A educação especial na escola do campo ainda é uma demanda que se mantém no silêncio. Porém, as leis garantem este direito aos povos do campo. Camponeses, ribeirinhos, quilombolas, atingidos por barragens, caiçaras, assalariados e outros vivem no campo e dependem fortemente dos recursos públicos para a atenção às suas necessidades, principalmente no campo da saúde e educação.

As escolas do campo, portanto, necessitam de apoio para desenvolver suas atividades no âmbito escolar, em especial no que diz respeito aos materiais didáticos específicos para crianças com dificuldades de aprendizagem e/ou deficiência.

CAPÍTULO V

5.0 PERCEPÇÃO DE PROFESSORES E ESTUDANTES SOBRE SEU USO DE MATERIAIS DIDÁTICOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Nossa pesquisa envolveu o estudo da forma como os professores e estudantes percebem o uso de materiais didáticos no processo de aprendizagem.

5.1 PERCEPÇÃO SOBRE O USO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS NOS PROFESSORES

O objetivo desta pesquisa foi o de criar um espaço de reflexão sobre o uso de materiais didáticos e o processo de ensino aprendizagem, na medida em que os recursos disponíveis auxiliam o professor em seu trabalho, e que estes conseguem melhor ensinar, oferecendo atividades mais diversificadas.

No Apêndice um, é apresentado o instrumento⁸ de pesquisa criada para conhecer a percepção dos professores sobre o uso de materiais didáticos no processo de ensino e aprendizagem e seus efeitos. Para construir o instrumento de pesquisa dos professores, organizamos as perguntas em 4 dimensões: Dimensão 1: Formação de professores; Dimensão 2: dimensão adequação técnica da escola: Condições

⁸ O instrumento criado para os professor foi uma escala de Likert onde o sujeito se posiciona favorável ou desfavorável a uma afirmação proposta.

físicas e materiais didáticos; Dimensão 3: Relações na escola e aprendizagem com materiais didáticos; Dimensão 4: Relação com os pais e comunidade e uso dos materiais didáticos.

Foi construída uma escala para que os professores se posicionassem entre 5 opções de respostas, conforme texto a seguir: “Avalie de 1 a 5, sendo que 1 corresponde a não concordo e 5 corresponde a concordo totalmente. Nos comentários, procure explicar o porquê de sua resposta”

Quadro 2 Dimensão: Formação de Professores

<p>a) Falta formação para os professores sobre como lidar com dificuldades de aprendizagem e/ou deficiências das crianças.</p>	<p>1/2. L.R: não comentou / <u>W.D</u>, pois os professores são preparados para lidar com as dificuldades de cada estudante/ 4/5 <u>Mª-C</u> vejo que a falta é mesmo em planejar ou dinamizar as aulas. <u>A.M</u> no curso de licenciatura, ouvimos muito na teoria, porém, na pratica é totalmente diferente/ <u>L.M</u>, nos precisamos de auxílio nessa área, precisamos participar de formação para poder lidar com as dificuldades relatadas acima;</p>
<p>b) Poucos professores sabem utilizar materiais didáticos específicos para lidar com dificuldades de aprendizagem e/ou deficiências.</p>	<p>1/2 L.R, Juntamente com a formação; 3/ <u>Mª.C</u> respondeu que: o medo de utilizar as tecnologias ou buscar novos aprendizados, acaba dificultando o ensino nas escolas /<u>W.D</u>: alguns não conseguem mudar a metodologia de ensino 4/5 <u>A.M</u> respondeu que: falta uma formação continuada para os professores se adaptarem às novas tecnologias (mídias). <u>L.M</u>: se nós tivermos uma formação voltada para trabalhar com isso seria excelente</p>
<p>c) Existem muitos preconceitos contra crianças com dificuldades de aprendizagem entre os professores;</p>	<p>1/2 <u>W.D</u> em nossa UE (Unidade Escolar) identificamos quem tem dificuldades e procuramos jeitos diferenciados para ensinar; <u>MC</u>: não, os professores tem preocupação em ensinar essas crianças; 3/ <u>A.M</u>: Há uma falta de motivação, muitos desistem dos estudantes por que esses não se esforçam / <u>L.M</u> depende do caráter de cada pessoa e censo de humanidade e solidariedade / <u>L.R</u>: quando não há uma boa formação e educação em casa sempre terá preconceito;</p>
<p>d) Os professores não dialogam com as crianças sobre suas dificuldades de aprendizagem</p>	<p>1/2 L.R: não comentou L.M: sim, dialogamos e procuramos quebrar as barreiras das dificuldades entre o aluno e a aprendizagem; <u>W.D</u>: <u>não muito, pois acreditamos que isso ira desmotivar os estudantes;</u></p>

	3/ A.M: muitos professores procuram conversar com seus alunos, porem, há resistência dos mesmos; 4/5 M ^a .C sempre, pois os professores tem que ajudar as crianças a aprender /
e) Os funcionários recebem formação sobre as crianças com dificuldades de aprendizagem	1/2 M ^a .C: sempre/ A.M: não comentou/ L.Mota: não/ L.R: não temos formação externa, só internamente com os coordenadores / W.D: formação não muito, mas todos sabem que deve ter um planejamento diferenciado

No Quadro dois, descrevemos as repostas dos professores sobre a dimensão de Formação. Observamos que do total de 6 professores, 4 concordaram com a afirmação de que “falta formação para os professores sobre como lidar com dificuldades de aprendizagem e ou deficiência dos estudantes”. Sobre a afirmação de que poucos professores sabem utilizar materiais didáticos específicos para lidar com dificuldade de aprendizagem e ou deficiência, um professor não concordou, pois, considera que a formação oferece recursos suficientes. Porém, os outros afirmaram que existe um medo de utilizar as tecnologias ou buscar novos aprendizados e que isso dificulta o ensino nas escolas (MC). Para outros, ainda, é difícil modificar a metodologia de ensino. Há também o reconhecimento de que falta formação o uso de novas tecnologias (A.M e L.M).

Quando afirmamos que “existem muitos preconceitos contra crianças com dificuldades de aprendizagem entre os professores”, dois professores discordaram, alegando que identificam “quem tem dificuldades e procura (mos) jeitos diferenciados para ensinar” (WD) ou que “os professores tem preocupação em ensinar essas crianças” (MC). Mas, alguns concordaram parcialmente afirmando que: “Há uma falta de motivação. Muitos desistem dos estudantes por que esses não se esforçam” (A.M), ou “depende do caráter de cada pessoa e censo de humanidade e solidariedade (L.M); ou ainda: “quando não há uma boa formação e educação em casa sempre terá preconceito (L.R)”.

Aqui, observamos que as opiniões são diversas, sendo que alguns professores consideram que existe um grande esforço para superar as dificuldades e que outros professores desistem ou mesmo trazem seus preconceitos familiares para dentro da escola. Porém, há também o professor que atribui à boa formação o entendimento e a postura dentro da escola.

Diante da afirmação de que “os professores não dialogam com as crianças sobre suas as dificuldades de aprendizagem”, três discordaram, pois, consideram que procuram quebrar barreiras postas pelos estudantes, “buscando dialogar”, pois “os professores tem que ajudar as crianças a aprender”. Neste caso, podemos observar que a maioria dos professores procura superar as dificuldades, utilizando também o diálogo como recurso.

Sobre se os funcionários recebem formação sobre as crianças com dificuldades de aprendizagem os professores consideram que existe pouca formação. No entanto, entendemos que essa formação é necessária, a fim de unificar a escola em torno do processo educativo.

QUADRO 3 - ADEQUAÇÃO TÉCNICA DA ESCOLA:
CONDIÇÕES FÍSICAS E MATERIAIS DIDÁTICOS

<p>e) Os materiais didáticos presentes na escola não atendem as dificuldades de aprendizagem;</p>	<p>3/ LR: não comentou; AM: As vezes, mesmo utilizando os materiais didáticos, faltam interesse por parte de alunos e professores / LM: nem sempre, as vezes temos que buscar outras fontes para obter o material desejado / não comentou / tem alguns materiais que ajudam, mais ainda faltam bastante</p> <p>4/5 MC: na maioria das vezes não, mas os professores estão sempre buscando</p>
<p>h) Os espaços da escola são adequados para os estudantes com deficiência;</p>	<p>½ Mª.C não, falta muito para alcançar esses objetivos/ A.M: falta mais acompanhamento pedagógico e utilização de materiais adequados/ W.D: temos algumas instalações que são adequadas, mais falta bastante ainda para uma perfeição L.Mota: não são</p> <p>3/ L.R: nossa escola tem um amplo espaço</p>
<p>j) Os materiais didáticos específicos para as deficiências são muito utilizados pelos professores da escola</p>	<p>1/2 A.M: pelo meu conhecimento, a escola não tem nenhum material específico para deficiência L.Mota:não temos esse tipo de material na escola, pois não há estudantes com necessidades especiais / W.D: não pois temos muitos com essas deficiências</p> <p>3/ Mª. C: não, mas os professores buscam maneiras diferenciadas para ensinar / L.R: não comentou</p>

l) Os espaços de inclusão são adequados na escola	$\frac{1}{2}$ M ^a .C:não temos divisão, então trabalhamos com a inclusão sempre /A.M falta espaço para a inclusão / L.Mota: não temos / W.D: como já falei á cima, ainda falta muita coisa para a perfeição 3/ L.R:não comentou
q) Os funcionários da escola colaboram no cuidado dos estudantes com dificuldade e/ou deficiência	$\frac{1}{2}$ A.M: as vezes, os funcionários e o grupo gestor pensam muito somente nos seus afazeres / L.Mota: não temos alunos com deficiência. $\frac{4}{5}$ W.D: somos uma equipe bem unida, então o planejamento é de acordo com cada contribuição de todos M ^a .C: sim, pois vivemos em comunidade e sabemos a importância de cuidar de nossos estudantes /L.R: participam para elaboração de projetos que contribui para sanar essas dificuldades.

O Quadro 3 trata da dimensão “Adequação técnica da escola: Condições físicas e materiais didáticos”. Sobre a afirmação de que “os materiais didáticos presentes na escola não atendem às dificuldades de aprendizagem”, encontramos que a maioria dos professores concordou, acrescentando que “mesmo utilizando os materiais didáticos, faltam interesses por parte de alunos e professores” ou ainda que existem, mas, não são suficientes e os professores estão sempre buscando.

Quanto a se “os espaços da escola são adequados para as crianças com deficiência” dois professores não concordam, pois, consideram que falta muito. Para outros, a escola tem um amplo espaço, sem especificar se ele é ou não adequado. Essa é sem dúvida uma vantagem. Porém, considero que poderia ser bem aproveitado.

No item “os materiais didáticos específicos para as deficiências são muito utilizados pelos professores da escola”. Os professores afirmam que não têm materiais específicos na escola. Na questão “os espaços de inclusão são adequados na escola”, os professores responderam que não existe divisão entre os estudantes, pois “trabalhamos com a inclusão sempre” (A.M). Porém, dois outros falam que não há “espaço para a inclusão” (L.M e W.D). Um professor afirma que “ainda falta muita coisa para a perfeição”.

Quanto à afirmação de que “os funcionários da escola colaboram no cuidado das crianças com dificuldade e/ou deficiência”, um professor não concorda e afirma

que os funcionários e o grupo gestor pensam muito somente nos seus afazeres (A.M). Um professor responde que às vezes eles ajudam (L.M). 3 professores concordam com a afirmação, acrescentando que “(W.D): somos uma equipe bem unida, então o planejamento é de acordo com cada contribuição de todos. (Mª.C): sim, pois vivemos em comunidade e sabemos a importância de cuidar de nossas crianças (L.R) participam para elaboração de projetos que contribui para sanar essas dificuldades.

**QUADRO 4: RELAÇÕES NA ESCOLA
APRENDIZAGEM COM MATERIAIS DIDÁTICOS**

c) Os materiais didáticos são importantes para a aprendizagem de crianças com dificuldades.	4/5 M.C respondeu que: Com certeza o material didático é muito importante. A.M: a demanda de materiais didáticos é escassa, bem como a utilização dos mesmos / L.M extremamente importante, pois esse contato facilita o entendimento / L.R materiais específicos para cada dificuldade / W.D concordo,pois facilita a absorção do conhecimento
f) As dificuldades de aprendizagem são menores com o uso de materiais didáticos;	4/5 L.M: depende, de aluno para aluno Mª.C: sim, sempre é muito importante utilizá-los para um melhor aprendizado. A.Mª:mesmo utilizando outros métodos de ensino, ainda há dificuldades de aprendizagem; L.R não comentou / W.D: não comentou
n) Os estudantes com dificuldades de aprendizagem se isolam menos se houver materiais didáticos de aprendizagem coletiva	1/2 L.M: não sei,não temos este tipo de aluno na escola 3/ Mª.C:com certeza, por isso é importante não haver separação/ 4/5 A.M: é uma boa alternativa, porém, há resistência dos colegas mais evoluídos L.R:não comentou / W.D: sim, por que eles irão aprender também
p) Os estudantes com dificuldades de aprendizagem participam muito em sala de aula quando existem materiais didático apropriados para elas.	3/ A.M: há falta de apoio pedagógico /L.R: não comentou / W.D: o desempenho delas é diferenciado, pois a mais participação 4/5 Mª.C: sim, mas planejar aulas sem separar é importante / L.Mota: sim, elas interagem com os colegas e mostram maior desempenho.
t) Os estudantes com dificuldades de aprendizagem e/ou deficiência recebem apoio das outros estudantes no processo de aprendizagem, dependendo dom tipo de	1/2 L.Mota: não / 3/ A.M: muitos são individualistas, porem, alguns são adeptos do coletivo /L.R: não comentou 4/5 Mª.C: sim, mas não falam sobre o assunto, já que também estão envolvidos na aula /W.D: <u>sim, tem muitos colegas que</u>

material didático.	<u>gostam de ajudar os alunos</u>
u) Os materiais didáticos podem ser os mesmos para crianças com dificuldades de aprendizagem ou não	1/2 A.M: entretanto, devem ser adequados ao currículo escolar, sem fugir do conteúdo L.Mota: a meu ver, elas precisam de um acompanhamento especial, bem como material diferenciado / L.R: os materiais tem que ser de acordo com cada dificuldade especifica / 4/5 M ^a .C: sim, mas tem que saber planejar a aula, pois nenhum educando pode ficar prejudicado W.D: acho que deveria ser, pois, assim não haveria uma divisão da turma

No Quadro quatro, apresentamos a análise da dimensão “Relações na escola: Aprendizagem com materiais didáticos”. Sobre a afirmação “os materiais didáticos são importantes para a aprendizagem de crianças com dificuldades”, todos os professores concordaram com esta afirmação, acrescentando que há pouca utilização de materiais didáticos, que eles são importantes para a apropriação do conhecimento e a compreensão dos conteúdos. São necessários materiais específicos também. Sobre a afirmação de que as dificuldades de aprendizagem são menores com o uso de materiais didáticos, todos os professores estiveram de acordo e acrescentaram condicionantes para isso dar certo, alegando que “depende, de aluno para aluno (L.M) e que mesmo utilizando outros métodos de ensino, ainda há dificuldades de aprendizagem (A.M^a).

Quanto ao item de diz que “as crianças com dificuldades de aprendizagem se isolam menos se houver materiais didáticos de aprendizagem coletiva”, um professor não soube responder e os outros todos concordaram, reforçando a não separação entre os estudantes, e a possível quebra de resistência dos que não têm dificuldades com o uso de materiais didáticos.

Diante da afirmação de que “as crianças com dificuldades de aprendizagem participam muito em sala de aula quando existem materiais didáticos apropriados para elas”, dois concordaram parcialmente, sendo que um afirmou que não há apoio pedagógico para os professores atuarem com crianças com dificuldades (A.M). Dois dos que concordaram consideram que o desempenho é melhor, pois há mais participação (LM e WD). Um dos professores chamou a atenção para o fato de que o planejamento das aulas conjuntas é importante (MC). E dois reforçaram a ideia de que ao interagirem os estudantes aprendem mais.

Sobre se “as crianças com dificuldades de aprendizagem e/ou deficiência recebem apoio das outras crianças no processo de aprendizagem, dependendo dom

tipo de material didático” três concordaram parcialmente, um discordou (LM), três concordaram parcialmente e alegaram que nem todos os estudantes “são adeptos ao coletivo”, alguns são individualistas (AM); dois concordaram reforçando a ideia de que muitos estudantes gostam de ajudar (WD), porém, não se fala muito sobre este assunto (MC).

MC chama atenção para um fato importante. Parece ser que não se fala muito sobre as dificuldades dentro da sala de aula. Não abordar este tema de forma pedagógica pode representar uma dificuldade maior de lidar com a questão.

Sobre o item “os materiais didáticos podem ser os mesmos para crianças com dificuldades de aprendizagem ou não”, houve diferenças nas respostas. Os que não concordaram com a afirmação complementaram dizendo “entretanto, devem ser adequados ao currículo escolar, sem fugir do conteúdo” (AM). Afirmam que é preciso “um acompanhamento especial, bem como material diferenciado” (LM); e que os materiais tem que ser de acordo com cada dificuldade específica (LR). Aqueles que concordam ponderam: “sim, mas tem que saber planejar a aula, pois nenhum educando pode ficar prejudicado” (MC); ou que “deveria ser, pois, assim não haveria uma divisão da turma” (WD).

Aqui, aparece uma polêmica atual, quando alguns professores consideram que é necessário um atendimento especial ou atividades iguais às do coletivo.

QUADRO 3 - DIMENSÃO: RELAÇÃO COM OS PAIS E COMUNIDADE

<p>g) Os professores sempre dialogam com os pais sobre as dificuldades de aprendizagem nas suas disciplinas;</p>	<p>3/ L.R em reuniões com os pais / W.D: sim, nas reuniões de os pais procuramos passar para os pais onde estão as dificuldades 4/5 Quando há reunião ao final de cada semestre, sempre encontramos com os pais, porém falta mais participação dos mesmos M^a.C: em reuniões de pais isso sempre acontece / L. Mota: eu procuro ao máximo envolver os pais nas ações da escola</p>
<p>i) Os pais são bem orientados pelos professores sobre como lidar com suas crianças sobre a importância de novos materiais didáticos para crianças com deficiência</p>	<p>1/2 A.M: falta participação dos pais no ensino dos filhos /L.R: não comentou /L.Mota: não /L.R: não comentou 3/ M^a.C: não, pois os professores buscam seus materiais de trabalho sempre / L.Mota: não / 4/5 W.D: sim, pois acreditamos que essas crianças merecem</p>

	um cuidado diferenciado.
m) Os pais acompanham de perto a educação de seus filhos com dificuldades de aprendizagem e/ou deficiência	<p>1/2</p> <p>A.M: a participação dos pais é falha / W.D: não, pois os pais não são presentes na escola.</p> <p>Mª.C: são poucos os que fazem este acompanhamento /L.Mota: a ausência de acompanhamento dos pais na escola é muito grande / L.R: não comentou</p> <p>3/</p> <p>L.R: não comentou/</p>
o) Os pais participam de atividades de formação sobre dificuldades de aprendizagem e uso de materiais didáticos	<p>1/2</p> <p>A.M: não /Mª.C não / L.Mota: não, pois a escola não oferece este tipo de formação</p> <p>W.D:não, a participação dos pais na escola é muito pouca</p> <p>4/5</p> <p>L.R: não comentou</p>
r) Os pais não comparecem às reuniões de acompanhamento dos seus filhos com dificuldades	<p>1/2</p> <p>Mª.C: na maioria das vezes não, ou são os que mais faltam /W.D: não comentou/</p> <p>A.M: não comentou</p> <p>4/5</p> <p>L.R: não comentou</p> <p>L.Mota: não comparecem, a maioria dos pais não vem nas reuniões</p>

No Quadro 6, descrevemos as repostas dos professores sobre a dimensão relação com os pais e comunidade e uso dos materiais didáticos.

No item “os professores sempre dialogam com os pais sobre as dificuldades de aprendizagem nas suas disciplinas” a maioria concordou, argumentando que nas reuniões com os pais ocorrem diálogos sobre as dificuldades de aprendizagem. Porém, em geral elas ocorrem no final de semestre. No entanto, reclamam da baixa participação dos pais. Alguns professores afirmam buscar " ao máximo envolver os pais nas ações da escola (LM).

Quanto aos pais serem “bem orientados pelos professores sobre como lidar com suas crianças a respeito da importância de novos materiais didáticos para crianças com deficiência”, Quatro professores não concordam que isso aconteça, pois, há pouca participação dos pais no ensino dos filhos (AM), ou que são os professores que buscam seus materiais de trabalho sempre (MC).

Sobre a afirmação de que os “pais acompanham de perto a educação de seus filhos com dificuldades de aprendizagem e/ou deficiência”, nenhum deles concordou que isso seja frequente. Assim como tampouco é comum que os pais participem “de atividades de formação sobre dificuldades de aprendizagem e uso de materiais

didáticos”

Ao refletir sobre as respostas dos professores, podemos concluir que, não havendo estudantes com deficiência, a escola não tem demanda por um professor com formação específica para o atendimento das necessidades especiais. Porém, existem aqueles estudantes com dificuldade, que representam um número significativo no conjunto. Para lidar com tais limitações, é necessário garantir a formação continuada para os professores, com orientações mais específicas, a fim de que as dificuldades sejam superadas.

Há também um reconhecimento de que a escola não tem uma diversidade de materiais didáticos adequada, apesar de que os professores sempre buscam novos materiais.

Quanto às atividades serem coletivas ou não, observa-se que há posições diferentes entre os professores. Alguns consideram que é melhor há aprendizagem se o trabalho for realizado coletivamente. Não desconsiderando que é necessário um trabalho individual com os estudantes com maior dificuldade, consideramos importante o estímulo às atividades coletivas para o enfrentamento das dificuldades. Isso passa também por abordar este tema junto ao conjunto dos estudantes.

Ainda existe presente na escola a descrença sobre o estudante, alegando que elas não querem aprender... “essas crianças não aprendem, não adianta...”⁹

5.1 PERCEPÇÃO SOBRE O USO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS PELOS ESTUDANTES.

Foi criado um instrumento para os estudantes em formato de escala¹⁰, no qual eles deveriam assinalar um número de um (1) a cinco (5), sendo que 1 representou nada e 5 representou muito. A escala permite uma graduação entre o nada e o muito que, apesar de sua imprecisão em termos de interpretação, nos aproxima da percepção dos estudantes ao nosso objeto de estudo.

⁹ Fala de uma professora durante, observada durante o período de estágio na escola.

¹⁰ Escala é uma forma de organizar as respostas da pesquisa de menor a maior, possibilitando ao sujeito se posicionar de forma objetiva. Temos consciência que este tipo de resposta deve ser utilizado como um dos recursos da pesquisa, não como o único.

Tabela 2 Quais as disciplinas que você mais gosta de estudar (questão 1)

Disciplinas	1	2	3	4	5	NR	Total
a. Português (6º ano)	4	2	2	0	2	0	10
Português (7º ano)	0	4	2	2	4	1	13
Português (8º ano)	5	5	2	2	1	0	15
Português (9º ano)	6	0	1	0	0	2	9
Total	15	11	7	4	7	3	47
b. Matemática (6º ano)	0	2	0	0	7	1	1
Matemática (7º ano)	1	3	3	3	2	0	13
Matemática (8º ano)	3	2	0	3	7	0	15
Matemática (9º ano)	2	0	3	1	0	3	9
Total	3	7	6	7	14		47
c. História (6º ano)	2	0	1	2	5	0	10
História (7º ano)	2	0	2	3	6	0	13
História (8º ano)	2	0	1	6	6	0	15
História (9º ano)	0	0	0	2	5	2	9
Total	6	0	4	13	22	2	47
d. Geografia (6º ano)	0	1	3	1	6	0	10
Geografia (7º ano)	0	2	2	1	7	1	13
Geografia (8º ano)	0	0	0	2	13	0	15
Geografia (9º ano)	0	0	2	2	2	2	9
Total	0	4	6	6	28	3	47
e. Arte (6º série)	0	0	1	1	8	0	10
Arte (7º série)	1	0	0	5	7	0	13
Arte (8º série)	0	1	1	2	12	1	15
Arte (9º série)	1	1	0	1	5	1	9
Total	2	2	2	9	32	2	47
f. Ed. Física (6º ano)	0	0	0	0	10	0	10
Ed. Física (7º ano)	0	0	0	3	9	1	12
Ed. Física (8º ano)	0	0	0	3	12	0	15
Ed. Física (9º ano)	0	0	0	0	9	0	9
Total	0	0	0	6	40	1	47
g. Ciências (6º ano)	0	1	2	1	6	0	10
Ciências (7º ano)	1	1	6	4	0	1	13
Ciências (8º ano)	0	0	3	3	9	0	15
Ciências (9º ano)	2	0	2	1	2	2	9
Total	3	2	13	9	17	3	47

Com base na análise do quadro correspondente a questão 1 (Quais as disciplinas que você mais gosta de estudar : TABELA 2), podemos afirmar que . a) 25 estudantes dizem não gostar de português, 7 gostam medianamente e 11 gostam muito e 4 não responderam; b)10 estudantes dizem não gostar de matemática, 6 gostam medianamente, 21 gostam muito, e 10 não responderam; c) 6 dizem não gostar de História, 4 gostam medianamente, 35 gostam muito e 2 não responderam;

d) 4 dizem não gostar de Geografia, 6 gostam medianamente, 34 gostam muito e 3 não responderam; e) 4 dizem não gostar de artes, 2 gostam medianamente, 41 gostam muito; f) em Educação física não obtivemos respostas medianas, 46 gostam muito e 1 não respondeu; g) 5 não gostam ou gostam pouco de ciências, 13 gostam medianamente, 26 gostam muito e 7 não responderam.

Tabela 3 - Que atividade você gosta mais de fazer em sala de aula? (questão 2)

Atividades	1	2	3	4	5	NR	Total
a. Leitura em grupo (6ºano)	1	1	2	1	5	0	10
Leitura em grupo (7ºano)	6	1	1	0	5	0	13
Leitura em grupo (8ºano)	4	2	3	2	3	1	15
Leitura em grupo (9ºano)	3	0	1	0	3	2	9
Total	14	4	7	3	16	3	47
b. Atividade no livro didático (6ºano)	2	1	2	1	4	2	10
Atividade no livro didático (7ºano)	3	1	4	2	1	2	13
Atividade no livro didático (8ºano)	2	3	1	3	4	2	15
Atividade no livro didático (9ºano)	2	2	1	1	1	2	9
Total	9	7	6	7	10	8	47
c. Trabalho em grupo (6ºano)	0	0	3	1	6	0	10
Trabalho em grupo (7ºano)	0	3	3	1	4	2	13
Trabalho em grupo (8ºano)	2	1	0	2	8	2	15
Trabalho em grupo (9ºano)	1	1	3	0	1	3	9
Total	3	5	9	4	19	7	47
d. Trabalhos individuais (6ºano)	2	2	1	2	2	1	10
Trabalhos individuais (7ºano)	0	4	2	3	3	1	13
Trabalhos individuais (8ºano)	2	1	3	1	4	4	15
Trabalhos individuais (9ºano)	1	1	1	2	2	2	9
Total	5	8	7	8	11	8	47
e. Pesquisa na biblioteca (6ºano)	0	1	1	0	7	1	10
Pesquisa na biblioteca (7ºano)	4	2	1	1	2	3	13
Pesquisa na biblioteca (8ºano)	4	1	0	4	1	5	15
Pesquisa na biblioteca (9ºano)	1	2	2	0	1	3	9
Total	9	6	4	5	11	12	47
f. Jogos didáticos (6ºano)	0	2	0	3	5	0	10
Jogos didáticos (7ºano)	0	2	1	2	6	2	13
Jogos didáticos (8ºano)	1	0	2	0	11	1	15
Jogos didáticos (9ºano)	0	0	2	2	1	4	9
Total	1	4	5	7	23	7	47
g. Pesquisa na comunidade (6ºano)	3	0	2	2	3	0	10
Pesquisa na comunidade (7ºano)	0	1	2	2	6	2	13
Pesquisa na comunidade (8ºano)	4	2	3	2	3	1	15

Pesquisa na comunidade (9ºano)	0	2	2	1	1	3	9
Total	7	5	9	7	13	6	47
h. Estudo na internet (6ºano)	1	1	1	0	7	0	10
Estudo na internet (7ºano)	2	2	3	1	5	0	13
Estudo na internet (8ºano)	3	0	0	2	6	4	15
Estudo na internet (9ºano)	1	1	1	1	4	1	9
Total	7	4	5	4	22	5	47

Podemos afirmar que, após realizada a análise de dados coletados dos questionários dos estudantes, obtivemos, a partir da questão - que atividade você gosta mais de fazer em sala de aula? (TABELA 3), as seguintes respostas: a) 18 estudantes dizem não gostar ou gostar pouco de leituras em grupos, 7 gostam medianamente, 19 gostam muito e 3 não responderam. b) 16 não gostam ou gostam pouco trabalho em grupo, 6 gostam medianamente, 17 gostam muito, 8 não responderam, c) 8 não gostam ou gostam pouco de pesquisa na biblioteca, 9 gostam medianamente, 23 gostam muito, 7 não responderam, d) 13 não gostam ou gostam pouco jogos didáticos, 7 gostam medianamente, 19 gostam muito, 8 não responderam, e) 15 não gostam ou gostam pouco de pesquisa na comunidade, 4 gostam medianamente, 16 gostam muito e 12 não responderam, f) 5 não gostam ou gostam pouco de estudos na internet, 5 gostam medianamente, 30 gostam muito e 7 não responderam, g) 12 não gostam ou gostam pouco de atividades no livro didático, 9 gostam medianamente 20 gostam muito e 6 não responderam, h) 11 não gostam ou gostam pouco de trabalhos individuais, 5 gostam medianamente, 26 gostam muito e 5 não responderam.

Tabela 4 - Que atividades ajudam você a aprender mais? (questão 3)

Atividades	1	2	3	4	5	NR	Total
a. Leitura em grupo (6ºano)	2	1	3	1	3	0	10
Leitura em grupo (7ºano)	6	0	4	1	1	1	13
Leitura em grupo (8ºano)	4	0	3	1	5	2	15
Leitura em grupo (9ºano)	2	0	1	2	2	2	9
Total	14	1	11	5	11	5	47
b. Trabalho em grupo (6ºano)	0	1	1	2	6		10
Trabalho em grupo (7ºano)	1	1	2	2	6	1	13
Trabalho em grupo (8ºano)	1	0	1	3	7	3	15
Trabalho em grupo (9ºano)	1	1	1	1	1	4	9
Total	3	3	5	8	20	8	47
c. Pesquisa na biblioteca (6ºano)	0	1	1	2	5	1	10
Pesquisa na biblioteca (7ºano)	2	2	2	1	3	3	13

Pesquisa na biblioteca (8 ^a ano)	7	0	1	2	2	3	15
Pesquisa na biblioteca (9 ^a ano)	2	0	1	0	2	4	9
Total	11	3	5	5	12	11	47
d. Jogos didáticos (6 ^a ano)	0	1	1	0	8	0	10
Jogos didáticos (7 ^a ano)	0	1	2	5	5	0	13
Jogos didáticos (8 ^a ano)	2	0	1	2	8	2	15
Jogos didáticos (9 ^a ano)	2	0	1	0	5	1	9
Total	4	2	5	7	26	3	47
e. Pesquisa na comunidade (6 ^a ano)	2	1	1	1	5	0	0
Pesquisa na comunidade (7 ^a ano)	4	1	2	1	3	2	13
Pesquisa na comunidade (8 ^a ano)	6	1	0	3	2	3	5
Pesquisa na comunidade (9 ^a ano)	1	0	1	2	1	4	9
Total	13	3	4	7	11	9	47
f. Estudo na internet (6 ^a ano)	0	1	0	0	6	3	10
Estudo na internet (7 ^a ano)	1	0	0	5	6	1	13
Estudo na internet (8 ^a ano)	5	0	1	1	4	4	15
Estudo na internet (9 ^a ano)	2	0	1	0	5	1	9
Total	8	1	2	6	21	9	47
g. Atividades no livro didático (6 ^a ano)	3	1	4	0	1	1	10
Atividades no livro didático (7 ^a ano)	0	5	5	0	1	1	13
Atividades no livro didático (8 ^a ano)	5	0	3	3	2	1	15
Atividades no livro didático (9 ^a ano)	1	1	2	1	2	3	9
Total	9	7	15	4	6	6	47
h. Atividade no livro didático (6 ^a ano)	0	0	2	0	7	1	10
Atividade no livro didático (7 ^a ano)	3	2	2	1	4	1	13
Atividade no livro didático (8 ^a ano)	4	1	1	2	6	1	15
Atividade no livro didático (9 ^a ano)	3	1	2	1	2		9
Total	10	4	7	4	19	3	47

Aqui, descrevemos as respostas que foram dadas pelos estudantes para a pergunta: que atividades ajudam você a aprender mais? (questão 3- Tabela 4) que

representou, de certa forma, uma auto-avaliação. Analisamos e chegamos ao seguinte entendimento: no grupo do 6º ano nota-se que a metade da turma gosta de leitura individual, pois assinalaram os itens 3, 4 ou 5 e justificaram: a) Ajuda a responder as dúvidas, b) ciências, por quando a gente está estudando fica silêncio. C) dá para a gente entender mais na leitura individual; d) por que a gente entende melhor a leitura; e) porque eu gosto de ler sozinho sem ser interrompido. Observamos que a turma ficou bem dividida, ou seja, de 10 /5 gostam e 5 não gostam. Aqueles que não gostam de ler, em geral, são os que têm mais dificuldades de aprendizagem. Aqui podemos identificar uma possível relação com a dificuldade de aprendizagem e o desinteresse pela leitura. Podemos propor para estas crianças um contato mais prazenteiro com a leitura, o que pode ajudá-los em sua superação.

Tabela 5 - Os materiais didáticos que ajudam você a aprender mais são: (questão 4)

Valor	F	a. Leituras individuais
1 ou	5	6ª- por que eu tenho vergonha de ler alto para todos ouvirem D: Por que eu não gosto de ler em sala de aula (2) D: por que ao compreendo muito D; Porque é ruim D.
2	5	7ª – Sozinho não tem como eu tirar as minhas dúvidas; por que não me ajuda; não consigo raciocinar muito bem D; por que não tem graça D; por que é chato;
	3	8ª – as pessoas ficam com vergonha D: : gosto muito de leitura. (não foi identificado nenhum com dificuldade); porque é chato.
	4	9ª-por que não entendo muito bem; não me ajuda; não presto muito atenção. (não identificado dificuldade); Eu não aprendo porque não presto atenção;
	T=17	
3 4 ou	5	6ª- Ajuda a responder as atividades; dá para a gente entender mais a leitura individual; por que a gente entende melhor a leitura; Pois eu gosto de ler sozinho, sem ser interrompida; ciências porque quando a gente tá estudando fica silencio:
5	6	7ª – A leitura faz a gente aprender mais quando nos formos escrever; eu vou prestar mais atenção; a pessoa lê como você entende; em grupo os colegas atrapalham um pouco e eu não me concentro, e individual sim; porque lendo sozinho pra mim é melhor; Me ajuda-me muito, por que nós pensamos mais; por que penso melhor sozinho:
	11	8ª – Sou muito boa em leituras; Melhora nosso estudo; sou muito

		bom; a gente lê mais; porque não dá vergonha D; porque ler só para a gente, nós nos concentramos mais; Ajuda aprender melhor e ler mais; sou muito boa em leitura; Ajuda a gente aprender ler melhor e estudar junto; por que é melhor fazer a leitura melhor; Ajuda a se conhecer e aprender muito; Por que a gente ler, o outro não atrapalha e não fico com dificuldade; quando a gente ler, aprende mais; A gente ler mais nas aulas de português D;
2	T =24	9ª- por que é melhor para concentrar; por que pode entender mais e refletir;

Com base na avaliação da Tabela 5 – sobre quais os materiais didáticos que ajudam a aprender, quanto à questão 4A- Leituras individuais. A partir da observação realizada durante o período de estágio na escola, pudemos identificar os estudantes com maior dificuldade na escola. Por esta razão, apontamos com a letra D os estudantes que estão realizando aulas de reforço. Percebe-se um número considerável de estudantes com dificuldade de aprendizagem que não gosta de leituras individuais, sendo que a maior parte encontra-se entre o sexto e o sétimo ano. A escola mostra grande preocupação com aqueles que apresentam algum grau de dificuldade de aprendizagem, encaminhando os mesmos para as aulas de reforço no contra turno.

Tabela 6 - Os materiais didáticos que ajudam você a aprender são (questão 4.B)

Valor	F	b. Jogos coletivos de mesa
1 ou 2	2 3 5 2 T = 12	6ª- gosto mas não tanto. Porque é ruim 7ª – não gosto; às vezes; não gosto acho jogo sem graça; 8ª – é ruim; não gosto; não ajuda a interagir com os colegas: eu sei, mas não gosto; não justificou; é ruim: não entendo muito: não gosto de jogos; não gosto muito; 9ª- não ajuda muito; não me ajuda;
3 4 ou 5	8 10	6ª- por que é bom; por que é um pouco bom; é muito legal; é divertido; tem muitos jogos que ajudam a desenvolver a mente; por que aprendemos, jogamos e divertimos; por ser legal; eu acho que é mais ou menos e em matemática; 7ª – A gente aprende muito com os colegas e os jogos de mesa; eu posso jogar com professores, amigos e família, posso aprender perguntando; eu vou debater com meus colegas; é

		<p>muito legal; é divertido e brincando eu aprendo as coisas, sem muito esforço; porque eles ajudam a conhecer novas pessoas ou raciocínio; Me ajuda, mas não me ajuda porque eu não gosto muito, mas ajuda; por que aprendemos e divertimos; debato com os colegas:</p>
	8	<p>8ª – porque desafia a intelectualidade; desafia a inteligência; no trabalho em grupo e temos contato com os colegas; alguns jogos são melhores de jogar com várias pessoas; por que a gente aprende várias brincadeiras;</p>
	2	<p>9ª- Porque é uma maneira de ensinar; aprendemos facilmente;</p>
	T=28 59,5%	

Partindo das informações coletadas dos estudantes, conforme a **Tabela 6**, que apresenta as respostas à pergunta: **Os materiais didáticos que ajudam você a aprender são: questão 4. B. Jogos coletivos de mesa**, encontramos que a maioria do grupo pesquisado declara gostar das aulas em que utilizam estes jogos didáticos. Para explicar seu posicionamento, afirmam que: os jogos são legais; que ajudam a desenvolver a mente; que auxiliam na aprendizagem pois se aprende jogando e se divertindo; existem aqueles que consideram melhor fazer estes jogos em algumas disciplinas especificamente, como matemática. Enfim 59,5 % do grupo tem boa ou muito boa aceitação em relação aos Jogos coletivos de mesa.

Tabela 7 - Os materiais didáticos que ajudam você a aprender são (questão 4c)

Valor	F	a. Vídeos sobre a disciplina
1	0	6ª- não houve resposta.
ou	3	7ª – por que eu quase nunca vir na escola; não gosto; eu não gosto a gente não tem isso na escola;
2	9	8º não me ajuda; é chato; por que demora muito; demora muito; por que são chato; não respondeu; demoram muito é são enjoativos; por que eu prefiro explicação; chato;
	1	9º-não me ajuda;
	T=14	
3	8	6ª- bom a gente pode aprender; a gente aprende mais vendo o vídeo; melhor para estudar; também ajuda o aluno que é atento; sim, sabemos mais sobre a disciplina, escola e em casa; é legal; sim, é um pouco bom; bom; aprende; por que é muito legal.
4		
Ou	8	7ª – assim eu posso entender sobre a disciplina mais

5		especificamente; sim por que trabalha o cérebro; por que vendo é melhor para aprender; a gente olhando aprende mais rápido; é legal por que deixamos de copiar do quadro, mas eu não curto; alguns são interessantes, outros não; me ajuda muito por que os vídeos é muito legal; eu aprendo e me divirto ;.
	7	8ª – é mais aprendizado; é bom; por que nos aprendemos mais e mais, tanto dentro da sala de aula quanto no computador, etc;é bom; a explicação é melhor; eu acho que me ajuda por que muitos os vídeos mim ajuda muito e é muito bom; por que uma aula diferente; não responderam; .
	4	9º- por que dá para nós alunos compreender melhor; a explicação é melhor; 2 não responderam.
	T=27	

De acordo com as respostas do grupo analisado através do questionário aplicado em sala, que representa a questão 4c da Tabela 7, à pergunta sobre quais os materiais didáticos que ajudam você a aprender são - Vídeos sobre a disciplina- encontramos que a maior parte deste grupo demonstra gostar das aulas expositivas com vídeos, ou seja, 57%. Aqueles que dizem não gostar, ou gostar pouco, alegam não ter interesse devido ao fato de ser chato, demorado, enjoativo, ou preferem as explicações dos professores.

Tabela 8 - Os materiais didáticos que ajudam você a aprender são (questão 4)

Valor	F	d. Jogos individuais (palavras cruzadas, Quebra-cabeça, etc.)
1	3	6ª- não gosto muito; não me ajuda; passa tempo;
ou	1	7ª – embaralha muito a cabeça;
2	3	8ª – não aprende; não presta; não presta;
	3	9ª- não mim ajuda; não gosto; 1 não respondeu
	T=10	
5	11	6ª- pois eu posso ficar mais atenta aonde as palavras podem estar escondidas; eu acho bom; é muito bom; passa o tempo; sim por que trabalha
4		o cérebro tem jogos muito legais; por que o quebra-cabeça é melhor para aprender; eu acho mais ou menos por que as pessoas aprendem brincando; tem alguns jogos muito legais; eu, bom passa o tempo; por que o quebra cabeça é melhor para aprender; sim por que trabalhamos o cérebro;
ou		
5	11	7ª- eu acho que me ajuda por que pensamos mais; às vezes eu gosto muito; é legal, é uma das atividades que eu mas gosto, ajuda a mente

		<p>á se desenvolver; ajuda o cérebro sim, por que trabalha o cérebro; eu posso exercitar a mente; eu vou me exercitar; sua memória vai á frente; por que mexemos com a cabeça e pensamos melhor com os jogos; os jogos são educacionais; eu gosto, é bom para aprender; as vezes eu gosto muito; ajuda o raciocínio; acho que me ajuda por que nós pensamos mais; jogando em grupo formal para jogos; um não respondeu;</p> <p>8ª – é bom para o aprendizado; é bom fazer palavras cruzadas para a memória, e o quebra cabeça; estimula o cérebro; por que é bom; estimulam o cérebro; não justificou; por que exercitamos a mente e ficamos mais interessados, e aprendemos mais; não justicou;</p> <p>9ª- a maneira de aprendizagem é mais rápida; por que é uma maneira de incentivar na aprendizagem; por que melhora nosso psicológico; por que melhora o psicológico; os demais não responderam.</p>
	8	
	4	
	T=31	

Acima, na Tabela 8, encontramos, a respeito da pergunta sobre quais os “materiais didáticos que ajudam você a aprender são - questão 4 d:Jogos individuais- palavras cruzadas, Quebra-cabeça, etc. - que dos estudantes pesquisados a maioria afirma gostar muito das aulas que envolvem os jogos didáticos com, quebra cabeça, palavras cruzadas e outros que a escola possa oferecer, sendo específicos ou não para cada tipo de dificuldade encontrados no âmbito escolar.

TABELA 9 - Os materiais didáticos que ajudam você a aprender são (questão 4)n

Valor	F	e. Atividade no livro didático
1	5	6ª-eu não gosto; não por que os alunos só ficam copiando e os professores sentados olhando os livros; às vezes, e algumas não; as vezes outras não; é um pouco chato;
ou		
2	8	7ª – não temos livros do 7º ano; copiar e responder não ajuda, temos que tirar duvida no quadro; nem sempre, depende do conteúdo; u não sei responder; às vezes algumas não; ele não me ajuda não gosto; não justificou; tem que ler e copiar no caderno;
	5	8ª – por são muito enjoativos; por é enjoativo; por que é muito ruim; é ruim, não dá certo;
	4	9ª- é chato; não justificou; eu não gosto;eu não gosto das atividades;
	T=20	
5	5	6ª- bom; eu gosto por que ajuda a gente a escrever melhor; por que a gente fica mais esperto; eu gosto ,é

4 ou 5	10	bom; as vezes e algumas não; 7ª – a gente aprende e não copia do quadro todo dia; não justificou; por que do livro nos menos e estudamos menos, mas quase não temos livros do para 7º ano; porque sim;algumas vezes eu gosto; ele me ajuda muito, mas eu gosto muito; 4 justificaram;
	7	8º - também é bom; por que entendemos melhor; não justificou; não justificou; por que é melhor de fazer; não respondeu; é bom por que podemos aprender mais coisa;
	4	9ª- ajuda; eu leio e aprendo; por que se concentra melhor nos estudos; não gosto muito das atividades;
	T=26	

Na Tabela 9 – sobre os materiais didáticos que ajudam você a aprender (questão 4E: que se refere à **atividade no livro didático**, com base na análise feita e de acordo com as respostas dos estudantes chegamos à conclusão de que os mesmos, a pesar das condições limitadas do livro didático da escola, gostam de utilizá-lo. Eles justificam da seguinte maneira: ajuda a ler e a escrever, não copia do quadro; possibilita um melhor entendimento; possibilita maior aprendizagem e a concentração nos estudos. O grupo de estudantes que gosta do livro didático medianamente ou muito é de 55%. 42% se distribuem entre; gosta pouco ou não gosto nada. Estes argumentam que não sabem responder, e que as atividades são de cópia enquanto os professores ficam sentados, somente olhando no livro. Aqui, podemos observar duas tendências: uma que se adapta bem ao livro didático pois o considera produtivo. E os que não se adaptam, o fazem pela razão contrário. Não o consideram produtivo. Portanto, o livro é avaliado, principalmente em função da possibilidade da aprendizagem.

COMENTÁRIOS FINAIS

A pesquisa aqui apresentada teve como objetivo conhecer um pouco mais do processo de ensino aprendizagem desenvolvido no Colégio Estadual Vale da Esperança. Foram criados dois instrumentos de pesquisa que buscaram compreender a percepção de 6 professores e 47 estudantes a respeito do uso de material didático no contexto escola.

Pudemos observar que em geral os professores têm clareza das necessidades dos estudantes quanto ao uso dos materiais didáticos. Existem ainda alguns preconceitos referentes às novas tecnologias e também receios quanto à sua utilização, porém, os professores reconhecem a necessidade da diversificação de recursos para auxiliar o processo pedagógico. Neste sentido, um esforço coletivo está presente na escola, a fim de buscar a superação das dificuldades de aprendizagem.

A qualidade do material didático e as condições da escola ainda são bastante limitadas e o envolvimento dos funcionários na formação dos estudantes ainda é pequeno. Sabemos que uma escola que envolve todo o coletivo na tarefa de formação, produz melhores resultados. A escola do campo e a educação do campo têm como tarefa e objetivo ampliar a participação de estudantes e da comunidade no processo pedagógico e educativo, que poderá ser potencializado na medida em que houver o envolvimento da coletividade.

A atuação dos pais na escola ainda é restrita às reuniões de pais e algumas atividades culturais. No entanto a escola está cotidianamente envolvida com dezenas de decisões cujo direcionamento nem sempre correspondem aos anseios da maioria da comunidade ou às necessidade de pais e estudantes. Um dos desafios apresentados pela educação do campo consiste na integração entre a escola e a comunidade, envolvendo ambos em um processo de mútua escuta e busca conjunta de soluções, abrindo as portas da escola para a vida cotidiana, o trabalho, a cultura, a economia e a política local. Esse é o caminho do crescimento e fortalecimento da escola e suas famílias. Penetrar nas raízes da história e das transformações que estão ocorrendo, a partir das decisões daqueles que governam municípios, estados e o país. Ligar o local com o estadual e o nacional, como forma de integrar sujeitos individuais e coletivos.

Ainda quanto à relação de familiares com a escola, no entanto, ainda registramos um distanciamento. Mesmo nos casos em que o estudante apresenta maior dificuldade de aprendizagem e talvez mais nestes que em outros, haja um distanciamento ainda mais significativo, na medida em que os pais não sabem como auxiliar seus filhos e acabam deixando nas mãos da escola o peso de toda a tarefa de acompanhamento. Não se trata de dar aos pais a tarefa pedagógica a ser desempenhada pela escola, mas sim de reconhecimento do lugar ocupado por cada sujeito social na vida de cada estudante, sendo que a função de educar e cuidar é uma ação coletiva, não é apenas a escola ou dos pais.

Quanto ao uso de materiais didáticos para auxiliar nas dificuldades de aprendizagem, destacamos que nosso questionário foi aplicado indiscriminadamente para todos os estudantes, com isso, obtivemos uma visão geral da escola. Foram, sim identificados os estudantes com dificuldades através da observação durante os estágios. Identificamos, desta forma, que existem alguns materiais didáticos que são mais aceitos e acolhidos. Os jogos, a pesquisa em internet são melhor avaliados. A leitura individual silenciosa ou em voz alta, é reconhecida como uma prática que estimula a aprendizagem, apesar de que para aqueles que têm dificuldades de aprendizagem, ela provoca mais frequentemente a situação de vergonha pública, o que tende a ser rejeitado.

O que é possível observar com as análises realizadas é que os estudantes com maior dificuldade tendem a se envolver menos com os materiais didáticos em geral, principalmente os que implicam em leituras. No entanto, professores e estudantes consideram que os materiais didáticos que promovem a coletividade são importantes para a aprendizagem. O livro didático dividiu a opinião dos jovens. Alguns o consideram uma repetição monótona e que denota a inatividade e desinteresse do professore. Para outros é um material rico, pois, possibilita outra forma de aprendizagem e evita a cópia constante do quadro. Ressaltamos desta forma que a avaliação dos estudantes leva em conta se o material didático auxilia ou não na aprendizagem.

O trabalho aqui realizado pode ser ampliado através de outras análises, aprofundando o entendimento entre a aprendizagem e o uso de materiais didáticos.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo A. **O que é um estudo de caso qualitativo em educação**. Salvador: Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.
- ANDRADE, Raquel Silva Barbosa e GOMES Humberto Tenório. Revista São Luis Orione - v.1 - n. 6 - p. 37-48 - jan./dez. 2012
- ARAÚJO, J. S., & Silva, C. N. N. **A inclusão de alunos surdos: demarcações teóricas, curriculares e de formação docente**. Curitiba: Prismas. 2016
- ARROYO, Miguel Gonzalez. CALDART, Roseli Salete. MOLINA, Monica Castagna (Orgs). **“Por uma Educação do Campo”** 4ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BOCK, Ana Maria; FURTADO, Odair e TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. **Psicologias**. São Paulo: Editora Saraiva 1995.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB 1, de 3 de abril de 2002, estabelece as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. **Diário Oficial da União**, Brasília, 9 de abril de 2002. Seção.
- CARVALHO, Ademar de lima. **O Projeto Político Pedagógico: Concepções e Práticas**. Revista de Educação Pública, Cuiabá, v 17, n. 35, p. 421 – 439 set – dez. 2008.
- FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- FREITAS, Luiz Carlos. **A escola única do trabalho: explorando os caminhos de sua construção**. Veranópolis: ITERRA. Cadernos do ITERRA , n. 15, Set 2010.

KOLLING, Edgar Jorge; NERY, Israel José; MOLINA, Mônica Castagna. (Orgs.). **Por uma Educação Básica do Campo**. v.1. 3. ed. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1999.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **A Inclusão Escolar de Alunos Surdos**: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. Cedes. n. 69. Campinas/SP, 2006. p.p. 163 – 184.

MOLINA, Mônica Castagna. Possibilidades e limites de transformações das escolas do campo: reflexões suscitadas pela Licenciatura em Educação do Campo – UFMG. In: _____. BRITTO, Néli Suzana. Formação de Professores e Professoras do Campo por área do conhecimento – Ciências da Natureza e Matemática. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MOLINA, Mônica Castagna. Possibilidades e limites de transformações das escolas do campo: reflexões suscitadas pela Licenciatura em Educação do Campo – UFMG. In: _____. CALDART, Roseli Salette. **Licenciatura em Educação do Campo e Projeto Formativo: Qual o lugar da docência por área?** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MOLINA, Mônica Molina. Escola do Campo. In: CALDART, Roseli S. Dicionário da Educação do Campo.S.P. Expressão Popular (2009).

Neves de J. L. **Pesquisa Qualitativa – características, usos e possibilidades**. WWW.regeusp.com.br/ arquivos/ C03 – art. 06.(site acessado em 10/07/13 às 17:53).

Dicionário da Educação do Campo./ Organizado por Roseli Salette Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

PATTO, Maria Helena Souza : A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: UFMG. 1990.

REGO, TERESA CRISTINA. VYGOTSKY, uma perspectiva histórico-cultural da educação. São Paulo: ed. Vozes. 7ª edição. 1994.

SENNA, Maria das Graças de Castro **PATTO, Maria Helena Souza : A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia.** R. bras. Est. pedag. Brasília, 72(171):215 217, maio/ago. Resenha, 1991

SISTO Fermino Fernandes, BORUCHOVITCH Evely, FINI Lucila Diehl Tolaine (org)ç **Dificuldade de aprendizagem no contexto psicopedagógico** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

TRALDI, M. Cristina; DIAS, Reinaldo. **Monografia Passo a Passo.** Campinas – SP. Editora Alínea. 7ª Edição. 2011.

XAVIER, Pedro Henrique Gomes. Matrizes formativas e organização pedagógica: Contradições na transição da escola rural para escola do campo. Brasília: UnB, dissertação, 2016.

APENDICES

APENDICE 1

QUESTIONÁRIO PROFESSORES



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA UNB FACULDADE DE PLANALTINA FUP
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
COLÉGIO ESTADUAL VALE DA ESPERANÇA

QUESTIONÁRIO SOBRE MATERIAIS DIDÁTICOS

Professores

Este é um questionário que tem o propósito de conhecer sua opinião sobre o materiais didáticos das disciplinas de ciências e matemática utilizadas em sua escola. Sua opinião é muito importante para este estudo. Agradecemos muito sua colaboração.

Maria Regina Carneiro dos Santos

Nome: _____ Disciplina: _____ ano: _____

Avalie de 1 a 5, sendo que 1 corresponde a não concordo e 5 corresponde a concordo totalmente. Nos comentários, procure explicar o porquê de sua resposta.

Diante da presença de crianças com dificuldade de aprendizagem e/ou deficiência na escola é possível dizer que:

a. Falta formação para os professores sobre como lidar com dificuldades de aprendizagem e/ou deficiências das crianças. 1 2 3 4 5
Comentário _____

b. Poucos professores sabem utilizar materiais didáticos específicos para lidar com dificuldades de aprendizagem e/ou deficiências. 1 2 3 4 5
Comentário _____

c. Os materiais didáticos são importantes para a aprendizagem de crianças com dificuldades. 1 2 3 4 5
Comentário _____

d. Existem muitos preconceitos contra crianças com dificuldades de aprendizagem entre os professores. 1 2 3 4 5
Comentário _____

e. Os materiais didáticos presentes na escola não atendem as dificuldades de aprendizagem. 1 2 3 4 5
Comentário _____

f. As dificuldades de aprendizagem são menores com o uso de materiais didáticos. 1 2 3 4 5

Comentário _____

g. Os professores sempre dialogam com os pais sobre as dificuldades de aprendizagem nas suas disciplinas. 1 2 3 4 5

Comentário _____

h. Os espaços da escola são adequados para as crianças com deficiência. 1 2 3 4 5

Comentário _____

i. Os pais são bem orientados pelos professores sobre como lidar com suas crianças sobre a importância de novos materiais didáticos para crianças com deficiência

1 2 3 4 5

Comentário _____

j. Os materiais didáticos específicos para as deficiências são muito utilizados pelos professores da escola 1 2 3 4 5

Comentário _____

k. Os professores não dialogam com as crianças sobre suas as dificuldades de aprendizagem 1 2 3 4 5

Comentário _____

l. Os espaços de inclusão são adequados na escola. 1 2 3 4 5

Comentário _____

m. Os pais acompanham de perto a educação de seus filhos com dificuldades de aprendizagem e/ou deficiência 1 2 3 4 5

Comentário _____

n. As crianças com dificuldades de aprendizagem se isolam menos se houver materiais didáticos de aprendizagem coletiva 1 2 3 4 5

Comentário _____

- o. Os pais participam de atividades de formação sobre dificuldades de aprendizagem e uso de materiais didáticos 1 2 3 4 5

Comentário _____

- p. As crianças com dificuldades de aprendizagem participam muito em sala de aula quando existem materiais didático apropriados para elas. 1 2 3 4 5

Comentário _____

- q. Os funcionários da escola colaboram no cuidado das crianças com dificuldade e/ou deficiência 1 2 3 4 5

Comentário _____

- r. Os pais não comparecem às reuniões de acompanhamento dos seus filhos com dificuldades 1 2 3 4 5

Comentário _____

- s. Os funcionários recebem formação sobre as crianças com dificuldades de aprendizagem 1 2 3 4 5

Comentário _____

- t. As crianças com dificuldades de aprendizagem e/ou deficiência recebem apoio das outras crianças no processo de aprendizagem, dependendo do tipo de material didático. 1 2 3 4 5

Comentário _____

- u. Os materiais didáticos podem ser os mesmos para crianças com dificuldades de aprendizagem ou não. 1 2 3 4 5

Comentário _____

APENDICE 2

QUESTIONÁRIO PARA OS ESTUDANTES



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA UNB FACULDADE DE PLANALTINA FUP
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
COLÉGIO ESTADUAL VALE DA ESPERANÇA

QUESTIONÁRIO SOBRE MATERIAIS DIDÁTICOS: Estudantes

Este é um questionário que tem o propósito de conhecer sua opinião sobre os materiais didáticos das disciplinas específicas utilizados em sua escola.

Sua opinião é muito importante para este estudo. Procure responder bem claramente cada uma das questões. Agradecemos muito sua colaboração.
Maria Regina Carneiro dos Santos

Nome:
Idade:

Ano/Ano:
Sexo:

A) Abaixo marque um número de um (1) a cinco (5), sendo que 1 é nada e 5 é muito.

1. Quais as disciplinas que você mais gosta de estudar

- | | | | | | |
|---------------|---|---|---|---|---|
| a) Português | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| b) Matemática | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |
| c) História. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| d) Geografia. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| e) Artes. | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 |
| f) Ed Física. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| g) Ciências. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

2. Que atividade você gosta mais de fazer em sala de aula?

- | | | | | | | Coloque a primeira letra das disciplinas abaixo |
|---------------------------------|---|---|---|---|---|---|
| a. Leitura em grupo | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 | _____ |
| b. Atividade no livro didático. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | _____ |
| c. Trabalho em grupo. | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 | _____ |
| d. Trabalhos individuais. | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 | _____ |
| e. Pesquisa na biblioteca | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 | _____ |

f. Jogos didáticos. 1 2 3 4 5 _____

g. Pesquisa na comunidade 5 4 3 2 1 _____

h. Estudo na internet 5 4 3 2 1 _____

3. Que atividades ajudam você a aprender mais

Coloque a primeira letra das disciplinas abaixo

a. Leitura em grupo 5 4 3 2 1 _____

b. Trabalho em grupo. . 5 4 3 2 1 _____

c. Pesquisa na biblioteca 5 4 3 2 1 _____

d. Jogos didáticos. 1 2 3 4 5 _____

e. Pesquisa na comunidade 5 4 3 2 1 _____

f. Estudo na internet 5 4 3 2 1 _____

g. Atividade no livro didático. 1 2 3 4 5 _____

h. Trabalhos individuais. 5 4 3 2 1 _____

4. Os materiais didáticos que ajudam você a aprender são:

a. Leituras individuais 1 2 3 4 5
porque _____

b. Jogos coletivos de mesa 1 2 3 4 5
Porque _____

c. Vídeos sobre a disciplina 5 4 3 2 1
Porque _____

d. Jogos individuais (palavras cruzadas, Quebra-cabeça, etc.) 5 4 3 2 1
Porque _____

e. Atividade no livro didático. 1 2 3 4 5